

**Lilian da Silva Paiva**

**AS FESTAS DE CLUBES DO LAÇO DE MATO GROSSO DO  
SUL**

Aquidauana – MS  
Fevereiro/2008

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL  
CAMPUS DE AQUIDAUANA  
DEPARTAMENTO DE GEOCIÊNCIAS  
PROGRAMA DE MESTRADO EM GEOGRAFIA

## **AS FESTAS DE CLUBE DO LAÇO DE MATO GROSSO DO SUL**

**Lilian da Silva Paiva**

ORIENTADOR:

Antônio Firmino de Oliveira Neto

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado em Geografia, do Campus de Aquidauana, da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, como requisito final para obtenção do título de mestre em Geografia.

Aquidauana – MS  
Fevereiro/2008

## AGRADECIMENTOS

A Deus, criador de todas as coisas.

A meus pais, Clarice e Rubens, que sempre me apoiaram e me deram exemplo de honestidade, caráter e responsabilidade.

Meu namorado, Marquinhos, que muito me ajudou e incentivou.

Ao meu orientador, prof<sup>o</sup> Firmino sempre paciente e demais professores do programa de Mestrado.

Aos colegas, que me ajudaram, prof<sup>a</sup> Leila, prof<sup>o</sup> Toni Paranhos e Camila, prof.<sup>a</sup> Marlei Sigristi.

Aos meus primos Marcela e Juninho e meus amigos Wagner, Nilde, Virlian e todos que tiveram parte nesse trabalho.

Aos laçadores a amazonas que sempre me receberam nas festas dos clubes do laço e prontamente me ajudaram.

Aos meus pais Rubens e Clarice.  
Com carinho.

## RESUMO

As festas de clubes do laço acontecem em Mato Grosso do Sul, desde meados dos anos 1.970. Elas constituem-se em acontecimentos de origem rural, das fazendas de gado, da lida com os animais, onde o instrumento em destaque é o laço, que ainda hoje faz parte do dia-a-dia do homem do campo como material imprescindível ao trabalho com o gado. Nos clubes do laço as festas de caráter oficial (pela Federação de Clubes do Laço de MS) acontecem uma vez por ano, sendo constituídas por muita música, especialmente sertaneja e regional, comida típica do estado, como churrasco e arroz carreteiro, além do chimarrão – mate quente, e o tereré – mate gelado. As formas de acomodação são as mais variadas, tanto aos laçadores como visitantes, constituídas de barracas de acampamento, caminhões, redes e até mesmo os hotéis da região, que se beneficiam nas épocas de festa, bem como os restaurantes, postos de combustíveis, supermercados, padarias, conveniências e demais estabelecimentos comerciais. Os cavalos também são acomodados e alimentados adequadamente com todos os cuidados necessários, pois ele é forte participante nas laçadas, já que o laçador depende, em grande parte, do seu cavalo. A festa gira em torno das laçadas, havendo, especialmente nas finais, torcidas constituídas por familiares e amigos dos laçadores. Ao final de cada encontro são entregues troféus aos laçadores vencedores em várias categorias. A impressão que se tem é que todos retornam às suas cidades após os encontros com a expectativa do próximo.

Palavras chaves: Festas; Clubes do laço; laço comprido; espetáculo; cultura.

## ABSTRACT

The parties of clubs of the bow happen in Mato Grosso do Sul, since middle of years 1.970. They consist in events of agricultural origin, of the farms of cattle, the chore with the animals, where instrument in prominence is the bow, that still today is part of day-by-day of the man of essential the field as material to the work with the cattle. In the clubs of the bow the parties of official character (for the Federacy of Clubs of the Bow of MS) happen a time per year, being constituted by much country music and especially regional, typical food of the state, as barbecue and carreteiro rice, beyond the chimarrão - hot, and the tereré - frozen. The room forms are varied, as much to the bowlers as visitors, consisting of tents of encampment, trucks, nets and even though the hotels of the region, that if benefit at the time of party, as well as the restaurants, fuel ranks, supermarkets, bakeries, conveniences and too much establishments you deal. The horses also are accomodated fed adequately with all the necessary cares, therefore it is strong participant in the lassoed ones, since the bowler depends, to a large extent, of its horse. The funny party around the lassoed ones, having, especially in the ends, twisted consisting by familiar and friends of the bowlers. To the end of each meeting they are you deliver trophies to the winning bowlers in some categories. The impression that if has is that all after return to this cities the meeting with the expectation from the next one.

Key Words: Parties, Clubs of the bow, fulfilled bow, spectade, culture.

## LISTA DE FOTOS

1 – Criança à cavalo no Clube do Laço Rancho ACQM	14
2 - Trato dos Animais no Clube de Laço Coração Pantaneiro	16
3 – Criança treinando laçada com cavalete	32
4 – Cozinha do Clube do Laço Acriban	33
5 – Aferição do laço antes do início das provas	34
6 – Marcação do laço com medida de 8 metros	35
7 – Laçador e sua família na Copa do Laço	35
8 – Laçador medindo as rodilhas antes da laçada	36
9 – Laçador Seguindo o Boi no C.L. Coração Pantaneiro	37
10 - Laçador jogando a armada	37
11 – Boi Chegando ao Brete Final no C.L. Coração Pantaneiro	38
12 – Boi com Armada Positiva no C.L. Coração Pantaneiro	38
13 – Retirada do Laço no Brete Final	39
14 – Bandeirinha no C.L. Pantaneiro	39
15 – Troféus da Copa do Laço de 2.007	40
16 – Entrega de troféus no Clube do Laço Liberato Mafissoni	41
17 – Amazonas no C.L. Coração Pantaneiro	42
18 - Esporas	43
19 - Roda de Tereré no Clube do Laço Pantaneiro	44
20 - Jogo de cartas no Clube do Laço Portão Quebrado	44
21 - Cantor no baile Carapé no Rancho ACQM	45
22 - Santuário de Nossa Senhora Aparecida no C. L. Coração Pantaneiro	46
23 - Placa de informação “Proibido permanecer sem camisa”	46
24 – Abre boi (parede)	47
25 - Laçador no Rancho ACQM	50
26 – Placa do Rancho ACQM	52
27 – Público na Festa do Rancho ACQM	56
28 – Faixa informativa do estacionamento no Rancho ACQM	56
29 – Estacionamento no dia da Festa do C.L. Rancho ACQM	57
30 - Bilheteria no dia da festa do Rancho ACQM	58
31 – Catracas Eletrônicas implantadas no dia da festa do Rancho ACQM	58
Foto 32 – Ingresso eletrônico da festa no Rancho ACQM	59
Foto 33 – Público na festa do Rancho ACQM	60
Foto 34 – Vidro de carro, no estacionamento da festa, contendo adesivo.	64
Foto 35 – Laço preso ao arreio do laçador	67

## LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico – 01: Percentual dos participantes que assistem as provas de laço	65
Gráfico – 02: Por que assistem	65
Gráfico – 03: Porque Não assistem	66

## LISTA DE TABELAS

1 – Distribuição dos clubes de laços	30
2 - Clubes de Laço pesquisados em 2000	48

**LISTA DE MAPAS**

Divisão dos grupos A e B	29
Divisão dos grupos A, B e C	31

## SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	11
CAPÍTULO I - A CULTURA E AS FESTAS DE CLUBES DO LAÇO DE MATO GROSSO DO SUL .....	13
1.1        – As relações rural/urbano nas Festas de clubes do Laço em Mato Grosso do Sul.....	23
1.2 - A divisão dos Clubes do Laço de Mato Grosso do Sul em três grupos distintos: A, B e C.....	27
II – RITUAL E PROCEDIMENTOS DAS FESTAS DE CLUBES DO LAÇO.....	32
III – O RANCHO ACQM E A TRANSFORMAÇÃO DA FESTA EM ESPETÁCULO..	50
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	68
FONTES.....	70
GLOSSÁRIO (EM ORDEM ALFABÉTICA).....	74

## APRESENTAÇÃO

As festas de clubes do laço constituem eventos realizados no estado de Mato Grosso do Sul e possui ligação direta com a origem e formação pecuária do estado. Desde a sua origem esse tipo de festa depende totalmente do gado e do cavalo para sua realização, já que a atração principal são as laçadas, realizadas por laçadores - adultos e crianças - e amazonas montados a cavalo.

A seleção desta temática para observação, estudo e análise, deu-se pelo fato do assunto ser ainda pouco abordado em trabalhos acadêmicos. Esta opção incorreu em grandes dificuldades, visto que até mesmo a bibliografia relacionada ao assunto é escassa. Porém, aqui, realizou-se um trabalho de observação e convivência com os participantes das festas, além de entrevistas com pessoas que possuem vínculo direto com a festividade. Quanto às referências bibliográficas, utilizou-se material de assuntos paralelos discutidos nas ciências fins, tais como: História, Antropologia, Sociologia, Turismo, dentre outras.

Nos aspectos metodológicos foram utilizados periódicos, informação virtual em sites e demais veículos de comunicação, como fontes secundárias. As colaborações dos laçadores, amazonas e alguns visitantes, aqui utilizadas como fontes primárias, foram de fundamental importância para a concretização deste trabalho, pois as observações eram sempre acompanhadas de interrogações que deveriam ser esclarecidas.

Este trabalho traz uma reflexão acerca das festas dos clubes do laço, analisando a sua relação com a cultura do estado e as relações, por elas estabelecidas, entre o meio rural e o meio urbano. Além disso, são analisadas as modificações ocorridas em curto espaço de tempo que causaram a transformação de alguns dos encontros em verdadeiros espetáculos.

Os capítulos encontram-se assim especificados: O Capítulo I trata dos aspectos históricos relativos às festas de clubes do laço. Além de retratar a relação cultural exercida por esses encontros, o capítulo aborda, também, as relações sociais e a divisão do Estado em grupos de clubes do laço, distribuídos por regiões. No Capítulo II apresento os rituais dos acontecimentos no decorrer das festas, como a abertura oficial, a ordem das laçadas, o entretenimento, a entrega de troféus, etc. O capítulo III faz uma reflexão sobre as mudanças ocorridas em algumas festas, especialmente no clube do laço Rancho ACQM - Associação dos Criadores de Quarto de Milha, que se transformou em um mega evento.

Um outro estudo relacionado a este tema foi feito por mim, juntamente com Melissa Aparecida Mendonça, em função da realização da Monografia do curso superior de Turismo em 2.000. Muitos dos dados obtidos na época serviram de base e comparação para este trabalho de Mestrado. Passados 7 anos pude observar mais detalhes e realizar uma reflexão diferenciada de alguns anos atrás, onde a perspectiva era direcionada para o turismo.

Devido à escassez de fontes e de bibliografias sobre o assunto, nutro a expectativa de que este trabalho sirva como referência para outros estudos e que a temática ainda possa ser explorada por diversas outras áreas do conhecimento.

## 1 - A CULTURA E AS FESTAS DE CLUBES DO LAÇO DE MATO GROSSO DO SUL

É possível considerar as festas de clubes do laço como parte da cultura do Estado de Mato Grosso do Sul. Esse tipo de festa é composto de culinária regional, música, dança, religiosidade, e tem na prática da utilização do laço o seu ponto máximo. O laço, denominado aqui de Laço Comprido - pois difere do laço de provas americanas, conhecido principalmente no interior paulista – foi e ainda é instrumento de trabalho em propriedades rurais do estado desde os primórdios da lida com o gado nas fazendas. No início das atividades de criação do gado bovino, as propriedades ainda não possuíam as técnicas atuais de manejo. Por esse motivo, o trabalho era feito em campo aberto, como já diziam os pantaneiros “campo afora”. Não existiam os mangueiros (para alguns, mangas ou ainda mangueiras), que consiste de grandes currais onde se recolhe o gado facilitando o trabalho de captura, marcação, vacinação, cura de doenças além de outras atividades relacionadas.

Portanto, nos primeiros momentos do desenvolvimento da atividade pecuária em Mato Grosso do Sul, foi necessária a fabricação de um utensílio que facilitasse a atividade no campo e que até hoje é utilizado e tido de grande importância ao homem do campo, ou seja, o laço. Lemos Neto (2000) em entrevista.

Dentre os diversos tipos de laços existentes o que interessa a este trabalho é o laço comprido, de aproximadamente 12 braças de comprimento (antiga maneira de medir, utilizando os próprios braços), ou o equivalente a 15 metros. Além de ser, ainda hoje, um importante instrumento de trabalho, o laço tornou-se, também, um parceiro inseparável do homem do campo. Ele faz parte do dia-a-dia do boiadeiro, sendo constantemente utilizado nas caçadas na mata, nas comitivas que

transportam gado de uma fazenda a outra pelos peões a cavalo e ainda faz parte de brincadeiras e diversões. Lemos Neto (2000).

O laço comprido é feito com o couro do boi, fabricado artesanalmente e trançado à mão. Loureiro (2000) relata a sua experiência quando fabricava o próprio laço e o utilizava para o trabalho na fazenda. Segundo ele, logo depois de retirado, o couro do boi era esticado em estacas de madeira e pendurado, geralmente embaixo de uma árvore, ou exposto ao sol, ali permanecendo por aproximadamente um mês, até ser removido para a retirada dos tentos (tiras extraídas do couro para trançar o laço). Posteriormente, estes tentos eram esticados, retirava-se o pêlo e o excesso de gordura. Esse processo se repetia quantas vezes fossem necessárias até que os tentos estivessem prontos para serem trançados. Ainda hoje, algumas pessoas utilizam-se do mesmo processo para fabricar o laço.

Foto 1: Criança à cavalo no Clube do Laço Rancho ACQM



Fonte: Lilian da Silva Paiva (2.006)

Devido à grande quantidade de trabalhos existentes nas fazendas de criação de gado, era comum que os donos das propriedades rurais convidassem outros fazendeiros da vizinhança, com seus peões, para ajudarem nos trabalhos. Essa reunião dava-se, principalmente, em épocas de vacinação, castração (retirada

dos testículos dos machos para engorda), marcação (feito em ferro e brasa no couro dos animais com o símbolo do respectivo proprietário), além de tratamento de animais enfermos. Em dadas ocasiões os anfitriões ofereciam, como forma de agradecimento aos colaboradores, um farto almoço, com baile ao final do trabalho, realizando juntamente ao trabalho uma grande festança, fortalecendo os vínculos de amizade.

Esse tipo de atitude ainda hoje é exercido em algumas regiões de Mato Grosso do Sul, onde a atividade pecuária é desenvolvida de maneira extensiva. Ortiz (1994, p. 41) afirma:

Na verdade, o peso da tradição (no sentido amplo da palavra: demográfico, econômico e cultural) suplanta qualquer outra dimensão; predominam a religião, as crenças mágicas, os valores rurais.

Gardin (1999, p. 49) apresenta em sua obra sobre alguns aspectos da cidade de Campo Grande, a influência da atividade no estado:

Como resultado da expansão, a pecuária passa a absorver a maior parte do estado, sendo responsável pelo alto grau de concentração de terras nessas regiões.

Ainda Gardin (1999, p. 53) afirma a importância do gado na região:

O povoado prospera e passa a reunir também boiadeiros em trânsito pela região, viajantes e negociantes de todo tipo. O comércio de gado faz com que o dinheiro circule mais fartamente nesta praça.

Juntamente com as atividades da lida e das festas e confraternizações realizadas durante as reuniões, também era comum a prática religiosa. Ainda hoje é possível observá-la nas festas, já que cada clube do laço possui uma imagem de Nossa Senhora Aparecida, corroborando com a manifestação da fé, por parte de alguns laçadores e visitantes, em momentos de oração particular durante os eventos.

Durante muitos anos as atividades foram praticadas nas fazendas de maneira rústica, com o intuito principal do trabalho. Aos poucos os peões passaram a conciliar a obrigação nas fazendas com a diversão, utilizando, nas horas livres, das laçadas como competição. Esta maneira de entreter-se foi se expandindo entre os peões das propriedades rurais de modo que não demorou para surgir competições entre os peões de fazendas vizinhas, geralmente aos finais de semana. O

surgimento do mangueiro, propiciou a existência de um cercado fechado onde a rês era solta e perseguida à cavalo para ser capturada com o auxílio do laço<sup>1</sup>.

O trabalho e as laçadas como entretenimento foram sendo intensificados. Com o tempo, os peões passaram a se reunir para treinar as laçadas e assim se saírem melhor perante os “adversários”, as laçadas começaram a obter cunho mais sério aos envolvidos. Com isso, e com o constante aumento de interessados em participar da diversão, foi observado a necessidade de se colocar regras nas disputas do laço. Inicialmente as regras determinavam: a formação de equipes com cinco laçadores cada uma; a metragem dos laços; o número de participantes; e a exigência de uma pista cercada especialmente para esta atividade.

Foto 2: Trato dos Animais no Clube de Laço Coração Pantaneiro



Fonte: Lilian da Silva Paiva e Melissa Mendonça (2.000)

A primeira equipe de laço comprido de Mato Grosso do Sul foi criada por laçadores da região de Bela Vista por volta de 1975 e era composta por: Afonso Pinheiro, Olimpio Cardinal, João Mascarenhas – colaborador nesta pesquisa - Irineu Cardinal e Laurindo Rodrigues<sup>2</sup>.

Verifica-se que os pioneiros das competições com o laço comprido em Mato Grosso do Sul deram-se nos municípios de Bela Vista, Guia Lopes da Laguna

---

<sup>1</sup> Entrevista realizada em 2000, com o Sr. João Monteiro Mascarenhas, laçador, pecuarista e membro da primeira equipe de laço comprido de M.S.

<sup>2</sup> Idem.

e região. Nestes locais, principalmente em Bela Vista, houve vários encontros, que inicialmente eram desprovidos de uma infra-estrutura adequada. Estes encontros representavam uma simples forma de lazer e distração, mas que foram se expandindo e aumentando com velocidade impetuosa. As competições começavam a se consolidar no cotidiano destas pessoas, que resolveram renovar e melhorar as condições e a qualidade dos encontros. Em 1980 reuniram-se alguns pecuaristas da região de Guia Lopes da Laguna e Jardim na sede da fazenda Dois de Ouro, de propriedade do Sr. José Atanásio Lemos Neto, com a intenção de discutir a respeito da criação de uma entidade onde fosse possível a reunião destes pecuaristas.

Na reunião, os pecuaristas concluíram pela criação de um Clube do Laço para reunião periódica dos laçadores que teria os seguintes objetivos: divulgar o laço como esporte; fomentar a criação de bons cavalos de serviço; incentivar os peões na arte da domaço; preservar os costumes dos antepassados; promover o homem do campo valorizando-o; e preservar o patrimônio sócio-cultural representado pelo linguajar, vestimenta, lidas campeiras e valores fundamentais da formação histórica, conforme pode ser verificado no Convite da Primeira Copa do Laço de MS (1993), em arquivo cediço pela Federação de Clubes do Laço. Na ocasião foi doada pelo proprietário da fazenda 2 de Ouro, no município de Guia Lopes, 10 hectares para a construção da sede do primeiro Clube do Laço de Mato Grosso do Sul, oficializado, documentado e registrado em cartório, com sede e diretoria, que recebeu o nome de Clube do Laço Guia Lopes, homenageando José Francisco Lopes, o Guia Lopes da Laguna, na Guerra do Paraguai.

A criação desse clube constituiu-se num marco da história dos clubes do laço no estado, pois serviu de incentivo para criação de outros clubes nos demais municípios, principalmente na região de fronteira, onde também já se praticavam as laçadas. Assim o novo esporte tornava-se cada vez mais conhecido, expandindo e despertando o interesse dos peões e pecuaristas dos municípios de Ponta Porã, Caracol e Aquidauana, que juntamente com Bela Vista e Guia Lopes, foram os pioneiros na atividade em meados da década de 1980.

O Clube do Laço Guia Lopes, por meio de seus membros, foi o responsável pela elaboração do primeiro estatuto, documento que visava a importância de uma maior organização. O estatuto era composto por regras básicas, tais como: comportamento dos sócios; importância do uniforme; finalidades do clube;

responsabilidades dos membros da diretoria e demais laçadores; direitos e deveres dos mesmos; assembléias e votações, entre outras. A existência desse estatuto foi de suma importância na continuidade do desenvolvimento histórico e organizacional dos demais clubes do laço que foram surgindo, pois eles se basearam nas regras e normas estabelecidas pelo Clube do Laço Guia Lopes.

O Clube do Laço Guia Lopes se destacou na história, pois foi a partir dele que se fundou a Federação de Clubes do Laço de Mato Grosso do Sul, em 14 de Abril de 1984, que tinha como principal objetivo unir todos os clubes do laço sob uma mesma orientação. É importante ressaltar que o estatuto da Federação foi totalmente baseado no estatuto do Clube do Laço Guia Lopes.

Com a aprovação do estatuto, foi realizada a eleição da primeira diretoria da Federação em Julho de 1984, no Clube do Laço Bela Vista. Os clubes do laço que participaram da fundação da Federação foram: Guia Lopes, de Guia Lopes da Laguna; Bela Vista, de Bela Vista; Retiro Caracol, de Caracol e o Pantaneiro, de Aquidauana<sup>3</sup>.

De acordo com o capítulo I, artigo 4º, das finalidades, o referido estatuto obrigava a elaboração de um calendário anual dos encontros, seguido periodicamente pelos clubes filiados à Federação, fazendo com que houvesse uma competição organizada entre os clubes de cada grupo do estado (A, B e C). Constituindo também finalidades como: conservar a cultura e os costumes, divulgar a atividade do laço como um esporte e estimular os peões a praticá-lo, apoiar as ciências, artes e esportes ligados ao campo.

Os encontros de cada clube do laço se tornaram cada vez mais grandiosos, com o número de participantes aumentando a cada ano e constituindo-se em parte do cotidiano e da cultura dos pecuaristas, dos peões e dos habitantes do municípios sedes dos clubes. Para Bosi (1.999, p. 11):

O tempo da cultura popular é cíclico. Assim é vivido em áreas rurais mais antigas, em pequenas cidades marginais e em algumas zonas pobres, mas socialmente estáveis, de cidades maiores. O seu fundamento é o retorno de situações e atos que a memória grupal reforça atribuindo-lhes valor.

---

<sup>3</sup> Entrevista realizada em 16.12.2007, com o Sr. José Atanásio Lemos Neto, laçador, pecuarista, advogado e assessor jurídico da Federação de Clubes do Laço de M.S.

A cultura das festas dos clubes do laço se expandiu e passou a ser praticada em vários municípios do estado incentivando a tradição.

No ano de 1988 já eram filiados à Federação 17 Clubes do Laço, tendo entre eles alguns CTGs (Centros de Tradições Gaúchas). Hoje o número de filiados nos 3 grupos alcança, aproximadamente, 40 clubes. A idéia era de realizar a cada mês um encontro em uma cidade distinta, onde os sócios dos clubes das demais cidades se deslocariam até a cidade sede do encontro. Esta idéia foi concretizada, cada representação de clube sai de sua cidade com seus respectivos laçadores para prestigiar e participar das competições, do encontro promovido por outros clubes. Desta maneira os clubes foram crescendo e transformando os encontros em grandes festas, onde se reúnem principalmente parentes e amigos dos laçadores formando entre eles uma grande família.

Desde 2002 os encontros passaram a ter duração de apenas 2 dias (sábado e domingo), ao invés de 4 dias (quinta, sexta, sábado e domingo) como no início das festas.

Segundo a Federação de Clubes do Laço, isso deu-se devido à idéia de às divisões entre grupos, ocorreria também uma diminuição do número de laçadores conseqüentemente. Porém, isso não ocorreu, o número de laçadores e amazonas vem aumentando a cada dia. Mas com a divisão dos clubes em grupos por região acarretou uma certa vantagem relacionada aos custos para os laçadores, que devem dispor de determinada quantia em dinheiro para participar dos encontros. Os custos da participação em um encontro podem incluir despesas com frete de animais, alimentação, hospedagem, etc.

Os encontros proporcionam aos laçadores uma reunião com seus amigos, familiares e companheiros de equipe. As competições pelos troféus não se constituem muito mais que uma simples disputa. Os encontros proporcionam ainda um encontro dos peões e pecuaristas com suas raízes e, conseqüentemente, valorizam a cultura da região. Apesar dessas características, o aumento significativo dos custos acaba por afetar a participação de alguns clubes e seus associados.

Com a expansão dos clubes do laço em todo o Estado de Mato Grosso do Sul também aumentaram o número de filiados à Federação que, mais uma vez, sentiu a necessidade de inovar na organização. O surgimento de clubes em cidades

cada vez mais distantes, o que encarece o deslocamento dos participantes nos dias dos encontros foi um dos fatores determinantes na diminuição da quantidade de dias de festa. Mas, mesmo com algumas modificações, o objetivo de participar das festas, de laçar, ainda existe com especial dedicação. Assim a cultura permanece.

Ao falar-se de cultura, fica sempre evidente a presença de diversos fatores e definições acerca do tema. Dentre os estudos sobre cultura encontram-se inumeráveis interpretações, até por que aqueles que as interpretam estão imbuídos de sua própria cultura, que interferem na interpretação das demais. Além da influência científica, no caso dos historiadores, antropólogos, economistas, geógrafos, que entendem a cultura a partir de parâmetros distintos.

São múltiplos os conceitos relacionados à cultura. A idéia de cultura é genérica, impondo dificuldades em precisá-la, principalmente porque o tema não se constitui em algo acabado, pois a cultura é dinâmica e representada por vários agentes individualmente, particularizada por cada um. Para iniciar uma pequena discussão sobre o assunto neste trabalho, pode-se começar citando alguns autores que tratam o conceito de cultura. Como Santos (2003, p. 25 e 26):

O esforço de entender as culturas, de localizar traços e características que as distingam, pode acabar levando a que se pense a cultura como algo acabado, fechado, estagnado. (...) as culturas humanas são dinâmicas.

Na obra “O desmanche da cultura”, Featherstone (1997, p. 130 e 131), afirma que:

Uma cultura local é percebida usualmente como uma particularidade que é o oposto do global. Emprega-se freqüentemente esse conceito para se fazer referência à cultura de um espaço relativamente pequeno, limitado, no qual os indivíduos que ali vivem têm relacionamentos diários.

As festas de clubes do laço apresentam tais características, pois representa uma particularidade de um grupo específico de pessoas que se dedicam à atividade e utilizam-se do espaço limitado para a realização dos eventos, onde os membros e visitantes das festas se relacionam e trocam informações.

Ortiz (2000, p.56), ao abordar o tema da globalização revela na sua obra “Mundialização e cultura” as influências culturais apresentadas pelo fenômeno mundial. Para autores como ele, a cultura está recebendo constante influência do

modo de produção capitalista. Tratando, em sua obra da globalização e massificação das culturas mundiais, o autor afirma:

O modo de produção industrial, aplicado ao domínio da cultura, tem a capacidade de impulsioná-la no circuito mundial. O que se encontrava restrito aos mercados nacionais, agora se expande.

A cultura está diretamente relacionada ao modo de ser, de fazer, de viver de determinada sociedade. Cada característica de suas maneiras revelam especificidades de determinado povo, nação. Como nos afirma Santos (2003, p. 47):

Lendas ou crenças, festas ou jogos, costumes ou tradições – esses fenômenos não dizem nada por si mesmos, eles apenas o dizem enquanto parte de uma cultura, a qual não pode ser entendida sem referência à realidade social de que faz parte, à história de sua sociedade.

As festas de clubes do laço apresentam um modo de ser, de comer, de se vestir, de se comportar, de dançar e de expressar os costumes de uma sociedade específica, ligada ao meio rural, às atividades com o gado e com o cavalo. Assim as festas apresentam os aspectos da cultura do peão boiadeiro, mesmo incorporando elementos novos e de caráter comercial, como barracas de importados, alimentos do tipo fast food e demais artigos facilitadores que visam atender e agradar aos mais variados tipos de pessoas que visitam as festas, entre eles, crianças, jovens, famílias inteiras e demais interessados na atividade.

Canclini (1982 p. 131) aprofunda, de forma ainda mais específica, a relação da cultura ao modo produção capitalista em sua obra “As culturas populares e o capitalismo”, na qual aponta a interferência do capitalismo nas várias sociedades mundiais, com a utilização das culturas como comércio e a sua “valorização” com intuitos lucrativos. Para o autor:

A tendência predominante do capitalismo é a de reduzir ou anular a diferença entre as festas participativas rurais e espetáculos mercantis urbanos, como uma outra consequência da subordinação do campo à cidade, da vida local ao mercado nacional e transnacional.

Deste ponto de vista percebe-se a preocupação com as mudanças, modismos e alterações no processo cultural promovidos pelo modo capitalista de produção, apresentada por Canclini e outros autores.

Em entrevista concedida em 2007, a Professora Marlei Sigrusti expõe seu conceito sobre cultura:

A cultura, dentro da Antropologia é vista como um todo, todo o fazer humano (...) o que ele produz, o que ele cria, institui para o seu grupo social e faz uso dele.

As mais variadas maneiras de fazer, de viver são consideradas como fazer cultural, que se distingue de outros fazeres na humanidade. Desta forma, a festa representaria um modo de ser, de viver de um grupo.

Alguns autores afirmam que a cultura permanece sendo cultura de acordo com o tempo e a época em que vive o indivíduo. Como cita REIS, (2.003, p. 58):

A própria dinâmica do tempo colabora com a mudança de costumes. O global ao descobrir novos lugares, ocasiona mudanças nos comportamentos e no meio ambiente.

Cultura é a troca, o convívio com elementos do cotidiano e com novos elementos, visto que o universo humano constitui-se num processo dinâmico entre os seres e tudo o que se harmoniza com o sujeito de cada fato, cada acontecimento. É uma mistura de vários modos de viver.

Um exemplo. Alguns locutores das festas de laço apreciam o modo de apresentação de locutores da festa do peão de boiadeiro de Barretos - festa conhecida internacionalmente e já objeto de estudo de vários pesquisadores - e seguem os mesmos moldes em locuções realizadas nos encontros do laço de Mato Grosso do Sul. Esse fato causa críticas por parte de alguns e admiração para outros. O modelo importado também encontra-se na parte organizacional da festa. Pode-se fazer aqui uma indagação: Até que ponto isso é relevante na discussão que apresenta as influências das culturas e da massificação das mesmas? Os modelos deverão ser utilizados adaptando-os aos padrões do laço comprido ou prefere-se, como alguns afirmam, que se continue exatamente como está?

Neste e em demais casos é compreensível que haja diversidade de opiniões, além de conflitos de idéias, haja vista a expressão de opiniões conservadoras e apreciadoras da diversidade e modernização, democraticamente, cada indivíduo pensa um distintamente do outro.

## 1.1 – As relações rural/urbano nas Festas de Clubes do Laço em Mato Grosso do Sul

Após realizar um breve relato histórico desses encontros, observa-se que, no início, as festas ocorriam em fazendas, ou seja, propriedades rurais, onde se aliava o trabalho com as competições de laçadas. Hoje, as festas estão inseridas em outro contexto. Elas tornaram-se encontros realizados na cidade e não mais acontecem no meio rural.

Atualmente as festas são realizadas nas sedes dos clubes de Laço que estão sempre localizadas próximas a alguma cidade, embora exista o caso de Anhanduí que é um distrito de Campo Grande, mas se caracteriza igualmente como um espaço urbano. Essa realidade deixa transparecer o intuito de atrair a presença daqueles que vivem em regiões urbanas, já que a presença dos que vivem nas zonas rurais é garantida pela reunião de todos que participam das laçadas juntamente com seus familiares.

Ortiz (1994, p.59) enfatiza a dissolução dos vínculos rurais no momento em que as pessoas deixam de estar no campo para viver nos centros urbanos, a festa pode significar um reencontro com o passado de muitas pessoas. Para o autor:

Vários cidadãos são migrantes da zona rural, mas suas consciências étnicas, regionais, tendem a ser diluídas quando, em contato com a sociedade urbana, se aclimatam a nova 'Grande Tradição' da cultura popular.

Para muitos dos visitantes, hoje moradores da zona urbana, a festa proporciona momentos de recordação ou, até mesmo, o reencontro com suas raízes.

Assim, as culturas se misturam as populações da cidade e do campo se encontram em um único local para se confraternizarem e convivem durante um tempo determinado. Essa realidade impõe a necessidade do entendimento das relações rural x urbano ocorridas na contemporaneidade.

Já são abundantes os estudos dedicados a este tema, por vários professores de universidades brasileiras e estrangeiras sobre as complexas relações entre o urbano e o rural. Neles estão incluídas as discussões sobre as relações, as adaptações, a convivência com o novo e o saudosismo. Inúmeras obras apresentam reflexões acerca do assunto, algumas delas importantes para este trabalho. A

abordagem do tema é oportuna pois as festas de clubes do laço constituem-se manifestação da cultura rural apresentada em ambiente urbano. Dito de outra forma, as pessoas que participam das festas dos clubes de laço possuem vínculo com o meio rural e as pessoas que as apreciam pertencem ao ambiente urbano, observando-se, assim, um encontro de ambientes distintos, que podem até estarem se mesclando com o passar do tempo.

Bernardelli (2006, p. 46) apud Whitacker e Sposito, afirma em seu texto sobre o rural e o urbano:

Pensamos que esta contribuição é fundamental e que a Geografia pode contribuir de forma decisiva no debate. Especialmente, se considerarmos que a definição de rural e/ou de urbano tem de ser pensada a partir de uma dimensão por excelência: o espaço.

Para a autora é possível analisar as características adquiridas pelo indivíduo a partir do local em que ele se encontra, tendo como ponto de partida o espaço e suas transformações. Bernardelli (2006, p. 46) reforça em seguida que:

Ao falarmos de espaço, seja urbano ou rural, é sempre necessário reforçar que este apresenta especificidades, decorrentes de sua construção histórica, e daí ainda que se possa falar de mudanças, diversificação e modernização (...), em uma perspectiva geral, é no plano singular que devemos mostrar as diferenças.

A questão da identidade rural também constitui parte de discussões na ciência geográfica. Pode-se dizer que o processo de urbanização brasileira aconteceu de maneira que as atividades e os modos de vida se misturaram não mais se distinguindo totalmente e claramente uma da outra. Bernardelli (2006, p. 45) ao analisar os estudos de Milton Santos afirma:

Santos (1993) propõe que a já clássica divisão rural e urbano no Brasil seja substituída pela divisão em dois grandes subtipos: os espaços agrícolas e os espaços urbanos, decorrência da evolução verificada na sociedade, na economia e no território, sendo que o país, como um todo, seria preenchido por regiões agrícolas e regiões urbanas.

Observando os argumentos da autora, é possível entender que o fato de as festas de clubes do laço ocorrerem nas cidades não as transformam, necessariamente, em atividades urbanas ou totalmente urbanizadas.

Algumas das diferenças apresentadas nas festas de clubes do laço, no decorrer dos anos, modificam nos peões a maneira de viver, vestir, comunicar, e

festejar. A identidade rural que anteriormente predominava nos encontros está sendo parcialmente substituída por modos mais ligados à vida da cidade, porém não completamente.

Um exemplo interessante e de relevante observação é a modificação gradativa do perfil dos laçadores. Em entrevista concedida em 2007 o presidente da Federação de Clubes do Laço de Mato Grosso do Sul apresentou o perfil dos laçadores nos últimos 07 anos, sendo constituído por vários profissionais como advogados, funcionários públicos, estudantes, de várias idades.

As discussões acerca do tema rural x urbano são constantes em estudos na academia, resultando conceituações diversas em áreas distintas. As observações não se findam por aqui. As variadas formas de pensamento e de correntes se fazem presentes nas discussões acerca do assunto.

Como já foi citado, Bernardelli especifica que no campo da Geografia é possível encontrar abordagens bastante aprofundadas sobre o assunto. Este e outros temas específicos da Geografia discutem a divisão entre rural e urbano e, conforme a autora, contribuem de forma definitiva para o entendimento do que está compreendido como espaço rural e do que está compreendido como espaço urbano e as conseqüências provenientes dessa divisão.

O modo de ser rural, os costumes e crenças diferem dos modos urbanos, ou seja, quem vive na cidade tem um cotidiano diferenciado de quem vive no meio rural. Pode-se ressaltar aqui o relacionamento do homem do campo com os fatores climáticos, por exemplo, épocas de plantar e de colher, observação das fases da lua, épocas de chuvas e secas, etc, fatores que o homem urbano raramente se relaciona. Porém o meio rural não está alheio ao tempo do capital aliando-o ao seu modo tradicional de trabalho, por exemplo. Como afirma Bagli, apud Whitacker e Sposito (2006, p. 84):

Isso não significa dizer que, nos espaços rurais, não há determinação de um tempo ditado pela lógica capitalista. Ao contrário, o desenvolvimento tecnológico dos meios de produção tem permitido aumentar a capacidade de interferência na natureza, mesmo que aparentemente as mudanças não sejam tão percebidas. Tecnologia que permite controlar determinados aspectos, inserindo maior velocidade à produção de alimentos e matérias-primas.

Mesmo neste contexto capitalista, a natureza ainda é fator predominante e influencia a tecnologia, mesmo as mais avançadas. O capital predomina até certo ponto no como, quando e o que produzir. Encontra-se aí as influências recebidas pelo campo dos meios de produção urbanos.

Outro fator relevante de observação entre as relações rural/urbano são encontrados no contexto histórico, antes mesmo da formação, pelo modo de produção capitalista, das primeiras vilas e cidadelas no Novo Mundo. Havia reações das sociedades existentes à inserção de novos padrões ditados pelo capitalismo, como afirma Canclini (1982, p. 49):

Os processos iniciais de colonização, quando a expansão capitalista implantava os seus padrões de vida a partir do exterior e as comunidades indígenas reagem em bloco a esta imposição.

Muito utilizadas para estudo sobre o rural e o urbano são as obras de Henri Lefèbvre, porém nas suas obras não é possível encontrar precisões ou conceituações sintéticas e exatas sobre diferença ou divisão entre o rural e o urbano. Sobrazo, apud Sposito e Whitacker, (2006, p.54), faz o seguinte comentário sobre o Autor:

Quem procura em Lefebvre uma definição sintética e precisa do que é urbano e rural, uma linha de corte, um critério específico, dificilmente o encontrará. As reflexões do autor são filosóficas, portanto, vão além de uma preocupação funcional ou estática.

Realmente o rural e o urbano se encontram e se adaptam um ao outro, as conveniências são adequadas aos dois modos de viver. As pessoas do campo admiram hábitos e costumes do povo da cidade, enquanto a vida do campo continua a servir como um ideário aos moradores da cidade, assim os dois convivem, como pude observar durante os encontros os quais participei para realização desta pesquisa.

## 1.2 – A divisão dos Clubes do Laço de Mato Grosso do Sul em três grupos distintos: A, B e C

O laço é um instrumento de trabalho utilizado na captura da rês para medicá-la, vaciná-la, entre outras atividades. O manuseio desse instrumento de trabalho levou o homem campestre à criação de uma atividade de lazer denominada de “Laço Comprido”, que se diferencia dos demais tipos de laço, como, por exemplo, o chamado Laço Curto, utilizado em competições de rodeio, derivado do americano. Por meio de depoimentos e entrevistas realizadas com integrantes que participaram da formação do esporte do Laço Comprido verificou-se que alguns fazendeiros reuniam seus peões, durante os finais de semana, para entretenimento, efetuando competições entre si como corrida de cavalos e laçadas de gado. Com o tempo, esta atividade foi se consolidando, os fazendeiros construíram pistas de laço em suas propriedades e deram início às competições entre equipes, inicialmente de uma mesma fazenda, depois, entre fazendas vizinhas. “O laço é o esporte em que o peão é campeão e o patrão vira peão”, afirma Luiz Carlos Burali. Em entrevista (2.000).

As primeiras equipes e os primeiros Clubes de Laço do Estado de Mato Grosso do Sul surgiram nas cidades de Caracol, Bela Vista, Aquidauana, e Guia Lopes da Laguna. Após o surgimento de vários clubes foi criada a Federação de Clubes do Laço do Estado de Mato Grosso do Sul que teve a primeira diretoria com a seguinte formação: Presidente – José Atanásio Lemos Neto, Vice-Presidente – Irineu Amaral Cardinal e Secretário – Leandro Lemos Vieira. Atualmente, a Federação é constituída de 40 clubes filiados, com aproximadamente 3.500 sócios, tendo 20 categorias disputadas e 23 encontros por ano. Como o Estado tem um grande número de clubes, foi dividido em 1.992 em duas regiões: “A” e “B”. A região “B”, onde foi realizada a pesquisa, era constituída pelos seguintes clubes:

- a. Clube do Laço Pantaneiro – Aquidauana
- b. Clube do Laço Liberato Maffisoni – São Gabriel D’oeste
- c. Clube do Laço Portão Quebrado – Rio Brillhante
- d. Clube do Laço Nabileque – Bonito
- e. Clube do Laço Rio Verde de Camapuã – Camapuã

- f. Clube do Laço Pé de Cedro – Sidrolândia
- g. Clube do Laço Cidade Branca – Corumbá
- h. Clube do Laço Porteira de Campo Grande – Campo Grande
- i. Clube do Laço “C.T.P.” Rio Verde – Rio Verde
- j. Clube do Laço Ovídeo Lemes Corrêa – Anhanduí
- k. Clube do Laço KM 21 – Anastácio
- l. Clube do Laço Acriban – Bandeirantes
- m. Clube do Laço Rancho A.C.Q.M. – Jaraguari
- n. Clube do Laço Dois Irmãos – Dois Irmãos do Buriti
- o. Clube do Laço Agro Rio – Ribas do Rio Pardo
- p. Clube do Laço Acatama – Maracajú
- q. Clube do Laço Bernardino Honório Rosa – Corguinho
- r. Clube do Laço Coração Pantaneiro - Miranda
- s. Clube do Laço Suez – Rio Brilhante
- t. Clube do Laço C.T.G Sentinela do Pantanal - Coxim



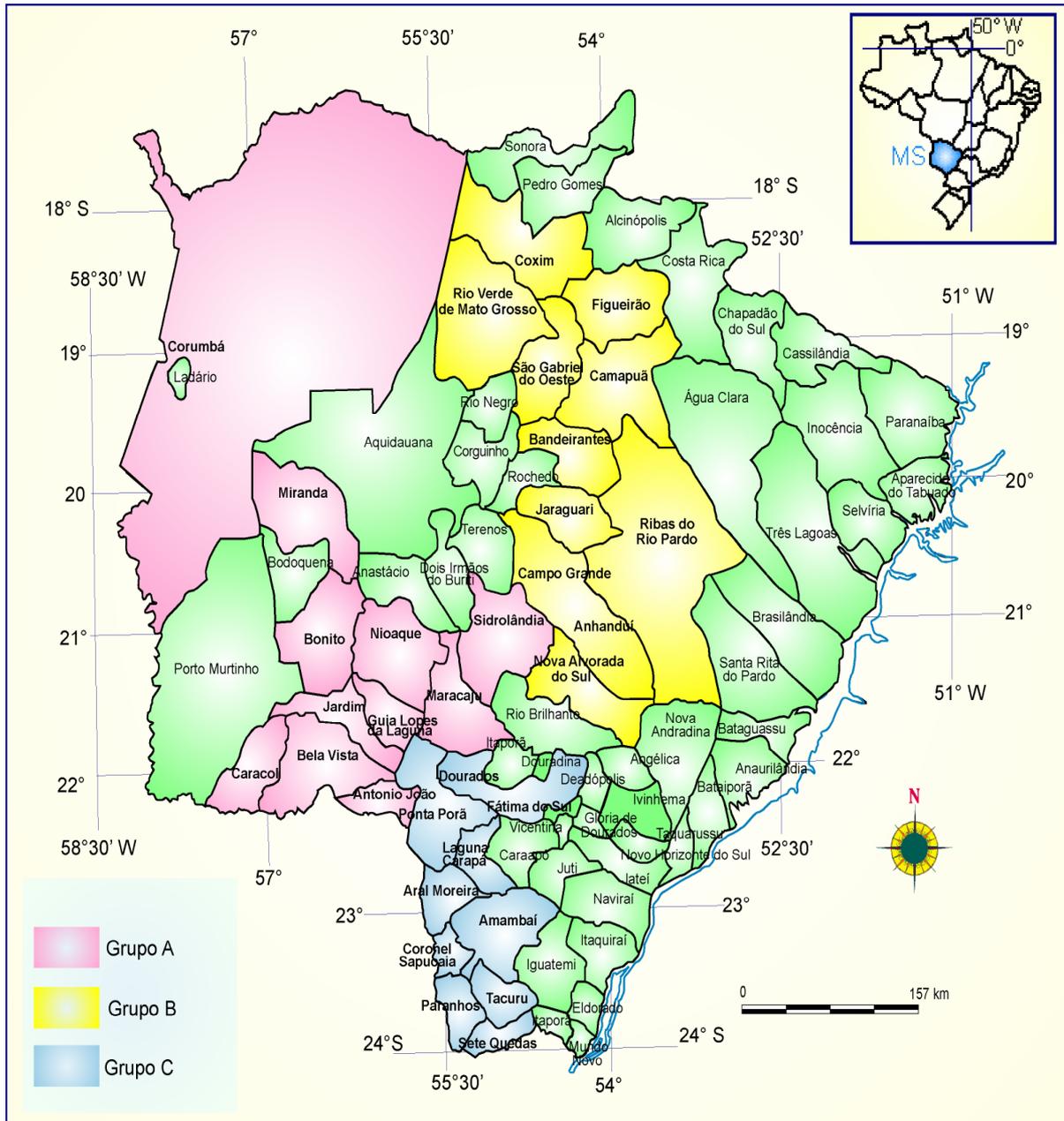
Aurélio Escobar Filho a tarefa de fazer funcionar a nova divisão, que ficou distribuída nas seguintes cidades:

Tabela 1: Distribuição dos clubes de laços

GRUPO	CIDADE	NOME DO CLUBE DE LAÇO
A	Antônio João	Florêncio José Pereira
	Guia Lopes da Laguna	Guia Lopes
	Caracol	Retiro Caracol
	Sidrolândia	Pé de Cedro
	Corumbá	Cidade Branca
	Maracaju	Acatama
	Bela Vista	Bela Vista
	Bonito	Nabileque de Bonito
	Miranda	Coração Pantaneiro
	Jardim	Rancho Alegre
	Nioaque	Acctran
B	São Gabriel do Oeste	Liberato Mafissoni
	Bandeirantes	Acriban
	Camapuã	Rio Verde de Camapuã
	Campo Grande	Porteira de Campo Grande
	Coxim	CTG Sentinela do Pantanal
	Figueirão	Rancho dos Tropeiros
	Anhanduí	Ovídeo Lemes Corrêa
	Nova Alvorada do Sul	Portão Quebrado
	Jaraguari	Rancho ACQM
	Ribas do Rio Pardo	Agrorrio
	Rio Verde de Mato Grosso	CTP Rio Verde
C	Dourados	Rancho do Laço
	Dourados	Querência do Sul
	Ponta Porá	Lino do Amaral Cardinal
	Ponta Porá	Três Irmãos
	Coronel Sapucaia	Portão da Fronteira
	Amambaí	União Amambaense
	Tacuru	A Carreta
	Aral Moreira	Olintho Cardinal de Jesus
	Laguna Carapã	Aimoré de Oliveira Lima
	Paranhos	Az de Ouro
	Sete Quedas	Aliança da Fronteira

Fonte: Federação de Clubes do Laço de MS

Mapa 2: Divisão dos Grupos A, B e C



Fonte: Departamento de Geociências da Universidade Federal de MS

A cada mês é realizado um Encontro de Clube do Laço, em cada Grupo do Estado, num Clube filiado à Federação podendo haver mais de um Clube em cada município. Pelo número total de clubes realiza-se mais de um encontro por mês.

## II – RITUAL E PROCEDIMENTOS DAS FESTAS DE CLUBES DO LAÇO

Conforme o estatuto da Federação, a cada ano as regras estabelecidas no mesmo podem sofrer algumas alterações, visando a melhoria das festas e o aprimoramento das mesmas. Estas mudanças são decididas em assembléias quando se reúnem o maior número de patrões e sócios dos clubes filiados. Para que todos os laçadores participem das competições de laço, devem seguir as normas e regras impostas nos estatutos do clube e da Federação, regras estas que serão expostas e explicadas no decorrer deste capítulo.

Foto 03: Criança treinando laçada com cavalete



Fonte: Site o Pantaneiro (2.008)

Os demais clubes, também filiados à Federação não possuem datas no calendário da Federação, porém, os mesmos têm o direito de participar de todas as festas oficiais e até mesmo somar pontos na tentativa de classificação para a Copa do Laço e ainda realizar a sua própria festa em data diferente da oficial. É importante ressaltar que as festas consideradas não oficiais não acumulam pontos para a Copa do Laço.

Cada clube de laço possui uma diretoria, eleita pelos sócios. Esta diretoria cumpre o mandato de um ano, sendo composta pelos seguintes membros: Patrão de Honra, Patrão, Capataz, Sota-Capataz, Tesoureiro, Primeiro Secretário, Segundo Secretário, Peão Orador, Peão Efetivo, Delegado e Conselheiro, havendo variações destes membros de acordo com o estatuto de cada clube de laço.

Foto 04: Cozinha do Clube do Laço Acriban



Fonte: Lilian e Melissa (2.000)

Com relação à programação das festas oficiais de laço comprido, na maioria das vezes, têm início na sexta-feira à noite, com a inscrição dos laçadores, e término no domingo com a entrega dos troféus. Os clubes e seus membros vão chegando aos poucos, acomodando-se, organizando os seus animais e “traias” de arreo, instalando as cozinhas e realizando as inscrições para as provas.

As inscrições são feitas por meio do preenchimento das Fichas de Inscrições, com os dados de todos os laçadores, divididos por equipes e categorias. No ato da inscrição, o clube participante deve pagar uma taxa, por laçador, ao clube anfitrião. De acordo com o estatuto da Federação, a taxa cobrada em cada festa

equivale a 10 latas de cervejas ao preço vendido no bar do clube anfitrião, sendo que ao mesmo é repassado o valor de 7 cervejas e à Federação 3, sendo 2 ao escritório e 1 destinada ao auxílio acidente, caso ocorra no decorrer da festa.

Para que as provas ocorram de maneira justa e de acordo com as normas e regras estipuladas pela Federação de Laço Comprido, faz-se necessária a realização da “aferição dos laços”, impreterivelmente, de todos os laçadores antes do início das competições, em todas as festas. Todos os laços são assinalados com tinta colorida na marca dos oito metros, que é o tamanho obrigatório da armada. Estes procedimentos garantem que o controle do tamanho da armada seja fiscalizado com maior precisão.

Foto 05: Aferição do laço antes do início das provas



Fonte: Lilian Paiva e Melissa Mendonça (2.000)

Ainda na sexta-feira ou no sábado, ficando a critério de cada clube do laço, é realizada a solenidade de abertura oficial da festa, quando são proferidos discursos das autoridades presentes, e os patrões trazem a bandeira de seu clube,

sendo hasteadas, juntamente, as bandeiras municipal, estadual e nacional, que assim permanecerão durante todo o decorrer da festa.

Foto 06: Marcação do laço com medida de 8 metros



Fonte: Lilian e Melissa (2.000)

Estas cerimônias acontecem em todas as festas oficiais, sem exceção. Os rituais são realizados sempre, desde o início até o final dos encontros, proporcionando o convívio social e o respeito às regras e tradições, por parte dos laçadores, familiares e visitantes em geral.

Foto 07: Laçador e sua família na Copa do Laço



Fonte: Lilian (2007)

Van Gennep foi o primeiro a tomar o rito como um fenômeno analítico, como um objeto dotado de autonomia relativa em termos de outros domínios do mundo social. (AMARAL, 1998)

Havendo tempo disponível, é realizada, também, na sexta-feira, uma competição diferenciada de laço, na qual não são somados pontos para disputa de troféus. É a chamada “vaca gorda”. Para participar desta modalidade, faz-se necessário o pagamento de uma nova taxa de inscrição, exclusiva para esta competição, que será disputada apenas pelas pessoas que tiverem interesse. Quando esta competição teve início, o prêmio era realmente uma vaca gorda, porém, com o passar dos anos, esta idéia foi modificada, hoje, o vencedor pode adquirir uma vaca gorda ou, o valor arrecadado no ato das inscrições desta modalidade, bem como demais premiações.

No sábado, as seis horas, logo ao amanhecer, iniciam-se as competições. Primeiramente, os laçadores se posicionam com o laço de armada de oito metros e medem as rodilhas, que devem ter o número de quatro e possuir no mínimo 25 centímetros para os laçadores adultos.

Foto 08 : Laçador medindo as rodilhas antes da laçada



Fonte: Lilian (2.000)

As rodilhas são medidas, em um toco de madeira com este diâmetro, pelo fiscal de rodilhas antes da entrada do brete.

O boi só é solto a partir do momento em que o laçador pede a sua soltura. A parti daí o laçador começa a boleiar o laço, seguindo o boi na tentativa de laçá-lo antes da linha dos cem metros, que geralmente é disposta no local onde se encontram os juízes e o marcador de pontos.

Foto 09: Laçador Seguindo o Boi no C.L. Coração Pantaneiro



Fonte: Lilian (2.000)

O laçador deve jogar a armada até a linha dos cem metros da pista, tentando cerrá-la nos dois chifres do animal antes que ele entre no brete que se encontra no final da pista.

Foto 10 : Laçador jogando a armada



Fonte: Stampa Vídeo – 1995

Se ele obtiver êxito nesta tentativa, sua armada é considerada positiva, caso contrário, a mesma será dita negativa e o laçador não adquire pontos.

Foto 11: Boi Chegando ao Brete Final no C.L. Coração Pantaneiro



Fonte: Lilian (2.000)

No momento em que o animal entra no brete, no final da pista, um outro peão retira o laço do boi. O laçador não poderá deixar cair o chapéu de sua cabeça no momento da laçada (antes da linha de 100 metros), pois estará passivo de punição, perdendo a armada.

Foto 12: Boi com Armada Positiva no C.L. Coração Pantaneiro



Fonte: Lilian (2.000)

Fonte 13: Retirada do Laço no Brete Final



Fonte: Lilian (2.000)

Para auxiliar os juízes na certificação da armada encontra-se, no final da pista, podendo deslocar-se dentro da mesma, um peão montado a cavalo, denominado “Bandeirinha”, tendo em suas mãos bandeiras nas cores vermelha e branca, que indicarão o resultado da armada, como negativa e positiva, respectivamente.

Foto 14: Bandeirinha no C.L. Pantaneiro



Fonte: Lilian (2.000)

A ordem de largada das equipes para as laçadas, varia conforme suas inscrições, porém, como regra, sai laçando primeiro um clube depois outro sucessivamente. Todas as equipes disputam entre si, mesmo as que pertencem a um mesmo clube.

Tudo isso compreende os rituais descritos anteriormente que fazem parte destes encontros. O ritual parece ser um conjunto de ritos, uma cerimônia. O rito parece ser uma ação, um ato mais isolado, uma unidade. As festas de clubes do laço, neste aspecto, constituem um ritual e cada laçada constitui um rito, pois é constituída de várias etapas dentro do conjunto todo que é a festa.

Já no sábado, alguns dos troféus são definidos e é neste dia que são classificadas as equipes para as principais disputas. No domingo, as cinco equipes mais pontuadas, juntamente com a melhor equipe do clube anfitrião, normalmente denominada de “Primeira Equipe”, disputam o primeiro e segundo lugares da taça de ouro. As cinco equipes seguintes, juntamente com a segunda melhor equipe do clube anfitrião, denominada “Segunda Equipe”, disputam o primeiro e segundo lugares da taça de prata. As equipes não classificadas para as taças de ouro e prata, disputam o primeiro e o segundo lugar da taça de bronze.

A solenidade de encerramento acontece ao final da tarde do domingo, após o término das laçadas e entrega dos troféus. Também constituindo-se um ritual de despedida e agradecimento pela participação de todos no encontro.

Foto 15: Troféus da Copa do Laço de 2.007



Fonte: Site O laçador (2.007)

Foto 16: Entrega de troféus no Clube do Laço Liberato Mafissoni



Fonte: Site O Laçador 2.008

O clube do laço que ganhar o primeiro lugar da taça de ouro levará também a chamada Taça Transitória da Federação, que ficará de posse do clube vencedor até a próxima festa, onde será disputada novamente. Cada grupo possui a sua taça transitória. Se um clube do laço for vencedor da taça de ouro por três vezes consecutivas ou cinco vezes alternadas, possuirá definitivamente a taça transitória, sendo assim, a Federação deverá providenciar uma nova taça. Levi Strauss (1976, P. 271 e 272) Afirma:

Vê-se, pois, que o sistema do ritual tem por função vencer e integrar tais oposições: a da diacronia e da sincronia; a dos caracteres periódicos ou aperiódicos que podem apresentar uma e outra; enfim, dentro da diacronia, a do tempo reversível e irreversível, já que, se bem que o presente e o passado sejam teoricamente distintos, os ritos históricos transportam o passado para o presente, e os ritos de luto, o presente para o passado, e que os dois processos não são equivalentes: dos heróis míticos pode-se dizer realmente que eles voltam, porque toda sua realidade está na sua personificação.”

A importância dos rituais é afirmada pois dá características próprias às festas, no caso, às festas de clubes do laço e consolida a manifestação cultural deste grupo social.

Além das taças de ouro, prata e bronze, que são as mais almejadas nas festas de clubes do laço, disputam-se também demais categorias no decorrer dos

encontros, como: Peão Letrado, Amazonas mirim e adulta, Veterano, Patrão, Pai e filho, entre outras. Todas as modalidades e suas características encontram-se dispostas no Estatuto da Federação de Clubes do Laço.

Foto 17: Amazonas no C.L. Coração Pantaneiro



Fonte: Lilian e Melissa (2.000)

Deve-se lembrar de uma modalidade tipicamente sul-mato-grossense, denominada Bagualeada, disputada entre duplas. Esta modalidade foi criada para reviver os tempos de trabalho no campo quando os peões saíam mata adentro a procura de animais perdidos e para capturá-los, necessitavam de grande agilidade no manejo do laço, pois estes animais eram considerados “baguais”, ou seja, bravios. Daí o nome dado à competição citada, onde o laçador deve pedir a “solta” do boi e depois deve pegar o seu laço, fazer a armada, de tamanho indefinido e tentar laçar o animal, seguindo as mesmas regras citadas anteriormente, para que sua tentativa seja considerada positiva. Também existe uma inscrição para a disputa desta modalidade.

As festas parecem oscilar mesmo entre dois pólos: a cerimônia, ritual e a festividade. Elas podem se distinguir dos ritos cotidianos por sua amplitude e do mero divertimento pela valorização dos costumes. Caillois, apud AMARAL, 1.998, p.166, afirma que:

Em sua forma plena [...], a festa deve ser definida como o paroxismo da sociedade (ideal), que ela purifica e que ela renova por sua vez. Ela não é seu ponto culminante apenas do ponto de vista econômico. É o instante da circulação de riquezas, o das trocas mais consideráveis, o da distribuição prestigiosa das riquezas acumuladas. Ela aparece como o fenômeno total que manifesta a glória da coletividade e a "revigoração" do ser: o grupo se rejubila pelos nascimentos ocorridos, que provam sua prosperidade e asseguram seu porvir. Ele recebe no seu seio novos membros pela iniciação que funda seu vigor. Ele toma consciência de seus mortos e lhes afirma solenemente sua fidelidade. É ao mesmo tempo a ocasião em que, nas sociedades hierarquizadas, se aproximam e confraternizam as diferentes classes sociais e onde, nas sociedades de fraternias, os grupos complementares e antagonistas se confundem, atestam sua solidariedade e fazem colaborar com a obra da criação os princípios místicos que eles encarnam e que acredita-se, ordinariamente, não devem se juntar.

Nas festas de Clubes do Laço, muitas pessoas procuram conservar os costumes e as tradições, especialmente os mais velhos, que são seguidos de geração em geração. Outras características observadas são a simplicidade das pessoas, a rusticidade do ambiente e particularidades como as músicas - modas de viola, as "gírias campestres" e as vestimentas que geralmente constitui-se de calça "jeans", camisa, bota e o chapéu que é obrigatório. As esporas também fazem parte deste conjunto, sendo que cada laçador opta por usá-las ou não.

Foto 18: Esporas



Fonte: Site Fotosearch (2.008)

Os costumes e particularidades são mostrados no decorrer de todas as festas. Também as rodas de tereré, o jogo do baralho e as danças no Baile Carapé, que apresenta basicamente músicas regionais e sertanejas, proporcionam a todas as pessoas presentes na festa uma alternativa de entretenimento e interação, além de contribuírem para o fortalecimento e a exaltação da cultura Sul Mato-grossense, hoje o baile já tem um maior número de pessoas que participam.

Foto 19: Roda de Tereré no Clube do Laço Pantaneiro



Fonte: Lilian e Melissa (2.000)

Foto 20: Jogo de cartas no Clube do Laço Portão Quebrado



Fonte: Lilian e Melissa (2.000)

Foto 21: Cantor no baile Carapé no Rancho ACQM



Fonte: Site O laçador (2.008)

Também, no decorrer dos encontros, o clube anfitrião oferece aos demais uma pequena lembrança como forma de agradecimento e hospitalidade. São lembranças simbólicas, geralmente artesanais, como: doces caseiros, biscoitos, tábua de carne, arranjos de flores, entre outros. Canclini (1982, p. 128) Afirma:

A festa mostra o papel do econômico, do político, do religioso e do estético no processo de transformação-continuidade da cultura popular (...) a continuidade que verificamos existir entre o tempo do trabalho e o da festa, entre os elementos cotidianos e os cerimoniais, o fato de que a organização da produção é mantida na preparação dos festejos, desqualifica toda oposição absoluta entre a festa e a existência diária.

Dentre as características observadas nas festas, verificou-se a presença em todas as sedes de clubes de laço, de um local reservado à Santa padroeira dos peões, Nossa Senhora Aparecida, onde se presenciou várias cenas de fé e religiosidade, que é parte do dia-a-dia das pessoas ligadas a este esporte. Tal manifestação foi observada também no momento da abertura oficial do encontro, onde geralmente o clube anfitrião convida um sacerdote para dar uma espécie de bênção à festa e às pessoas que participarão da mesma.

Foto 22: Santuário de Nossa Senhora Aparecida no C. L. Coração Pantaneiro



Fonte: Lilian e Melissa (2.000)

Como enfoque ao respeito e valores familiares difundidos no dia a dia destas pessoas, notou-se em todas as sedes dos clubes do laço a existência de placas que advertem e informam a proibição de qualquer pessoa permanecer sem camisa dentro do recinto.

Foto 23: Placa de informação “Proibido permanecer sem camisa”



Fonte: Lilian e Melissa (2.000)

Obrigatoriamente, todas as pistas de Laço Comprido devem possuir um “abre boi” em cada lado da mesma, e este tem por finalidade auxiliar o laçador quando a rês corre muito próxima à cerca, dificultando a realização da laçada.

Foto 24: Abre boi (parede )



Fonte: Lilian (2.008)

A Federação de Clubes de Laço, desde o ano de 1.999, vem publicando um jornal informativo que contém várias informações, dentre elas: número de laçadores presentes nas festas e em cada grupo, parciais da pontuação dos clubes e classificação geral, datas dos encontros, prestação de contas do auxílio acidente, prestação de contas da Federação e dos clubes, número de armadas dos clubes e laçadores, dentre outras. O referido informativo é distribuído aos clubes, na maioria das vezes, na ocasião dos encontros oficiais, gratuitamente.

A Agência Estadual de Defesa Sanitária Animal e Vegetal (IAGRO) recebe de cada clube de laço que sediará o encontro uma carta de aviso, com um mês de antecedência, requisitando a presença do funcionário para certificação da validade dos exames de anemia infecciosa dos eqüinos que estarão participando da festa. Os mesmos permanecem no encontro desde o início, para fiscalização das tropas, garantindo a segurança de todos os animais e a qualidade dos encontros.

O entendimento e a compreensão dos procedimentos das festas foi possível devido à convivência mútua da pesquisadora junto aos visitantes e laçadores no período das festas, participando diretamente das atividades e utilizando-se dos meios disponíveis no local, como: dormitórios (barracas, caminhões, hotéis e outros), banheiros coletivos, refeições e participando inclusive nas atividades de entretenimento e assembléias extraordinárias que aconteceram em alguns encontros, nos quais estava presente.

Os Clubes de Laço filiados à Federação visitados pela pesquisadora desde o ano de 2000, em datas oficiais, foram os seguintes:

Tabela 02 – Clubes de Laço pesquisados em 2000

CLUBE DE LAÇO	CIDADE
Clube do Laço Agrorio;	Ribas do Rio Pardo
Clube do Laço Acriban;	Bandeirantes
Clube do Laço Rio Verde de Camapuã	Camapuã
Clube do Laço Pé de Cedro	Sidrolândia
Clube do Laço Cidade Branca	Corumbá
Clube do Laço Portão Quebrado	Nova Alvorada do Sul;
Clube do Laço Ovídeo Lemes Corrêa	Anhanduí
Clube do Laço Nabileque	Bonito
Clube do Laço Coração Pantaneiro	Miranda
Clube do Laço Pantaneiro	Aquidauana

Também foram visitados pela pesquisadora os seguintes Clubes de Laço: Clube do Laço Rancho A.C.Q.M. – Jaraguari; Clube do Laço Acatama – Maracajú. Todos os Clubes do Laço citados acima constituem a região “B” do estado de Mato Grosso do Sul, que foram observados e fotografados pela pesquisadora.

Nos anos de 2006, 2007 e 2008 foram feitas visitas aos Clubes do Laço Porteira de Campo Grande e Rancho A. C. Q. M.

As pesquisas realizadas e a comparação dos dados semelhantes foram agrupadas e serviram de base para analisar as características e o perfil dos personagens componentes nas festas de Clubes do Laço. As publicações jornalísticas serviram para maiores informações acerca do assunto e como bibliografia. A contribuição das entrevistas foi de grande valia para que se pudesse entender com maior precisão o esporte e suas particularidades, tais como a emoção

que este esporte proporciona aos participantes, principalmente dos que fizeram parte da história das festas de Clubes do Laço, fato que a pesquisadora pode presenciar durante as entrevistas.

### III – O RANCHO ACQM E A TRANSFORMAÇÃO DA FESTA EM ESPETÁCULO

Como já foi visto nos capítulos anteriores, as festas de Clubes do Laço até há alguns anos, resumiam-se apenas às famílias dos laçadores – peões de fazendas e pecuaristas - alguns amigos e visitantes, geralmente moradores das cidades sedes dos encontros. O acontecimento era praticamente restrito. Pode-se dizer que, desta forma, ela se constituía num festejo amador.

Foto 25: Laçador no Rancho ACQM



Fonte: Site ACQM

Com o passar do tempo, tais encontros tornaram-se cada vez mais grandiosos e participativos, com a presença de um número crescente de pessoas das cidades onde as festas aconteciam, o que as transformavam em evento de diversão e lazer. Com isso, o encontro dos laçadores passou a proporcionar diversão aos moradores das cidades, que assistem às laçadas e participam do baile realizado no decorrer da festa.

Nos dias atuais, esse tipo de atividade festiva vem ocorrendo com maior frequência em alguns dos clubes de laços que, devido a grande quantidade de visitantes, chegam a realizá-las mais de uma vez no mesmo ano, além da festa oficial da Federação.

Um exemplo seria a festa do Clube do Laço Rancho ACQM – Associação dos Criadores de Quarto de Milha, localizado às margens da rodovia BR 163, a 12 Km de Campo Grande MS, no município de Jaraguari. O clube é fruto de uma reunião ocorrida em 25 de março de 1.988, em Campo Grande. Na reunião estavam presentes os senhores: Nivalcir Moreno, Arnaldo de Souza, Carlos Carlana, Dário Souza, Luiz Otávio Carneiro, Guilherme Lander, João Rodrigues Barbosa e Sebastião Homero Nagib Jorge, pecuaristas que pretendiam criar uma associação que reunisse os criadores de eqüinos da região.

Em 21 de Setembro de 1992 o Rancho ACQM filiou-se à Federação de Clubes do Laço de Mato Grosso do Sul e, com isso, passou a participar do calendário das festas no Estado de Mato Grosso do Sul, fazendo parte do Grupo B, da Federação de Clubes do Laço de MS. (MENDONÇA e PAIVA, 2000)

Foto 26: Placa do Rancho ACQM



Fonte: Lilian (2.007)

Talvez pelo fato de a organização das festas mais recentes estar em mãos de pessoas mais jovens, existe uma vinculação entre objetivo e quantidade de visitantes, prevalecendo a idéia de que, quanto mais gente prestigiar a festa, maior será o seu “sucesso” transformando-a num grande evento. Por causa disso o trabalho de divulgação vem sendo aprimorado, utilizando propagandas que, em geral, são veiculadas com vários dias de antecedência. Usam-se, para isso, adesivos em carros, anúncios em rádios, cartazes e outras formas de comunicação. Entrevista (Jorge, 12.12.2006).

Urry (2001, p.121) faz uma ligação entre a comercialização de aspectos da cultura com a pós-modernidade, afirmando que “A cultura e o comércio estão indissoluvelmente interligados na pós-modernidade”.

Para os laçadores a disputa nas laçadas e a confraternização ainda são os objetivos maiores da festa. Porém, muitas das pessoas que visitam estes locais não têm sequer a oportunidade, ou mesmo o interesse de, ao menos, assistirem à competição. Muitos visitantes restringem-se às conversas e ao baile, denominado Carapé - baile realizado no decorrer das festas, paralelo às laçadas e que, em alguns clubes do laço, ainda é gratuito. O baile também é um tipo de entretenimento

e enquanto aguardam a sua vez de laçar, muitos laçadores esperam e participam do baile.

Alguns laçadores e amazonas sentem-se incomodados com o número muito grande de pessoas nas festas, devido ao grande fluxo em meio aos cavalos e locais de acampamento. Em entrevista (2006), a estudante e amazona Roberta Mochi de Miranda, da cidade de Coxim, pertencente ao Clube do Laço CTG Sentinela do Pantanal, presente no encontro do Clube do Laço Rancho ACQM, reclamou “da falta de atenção dos organizadores em relação à acomodação dos laçadores vindos de outras cidades”. Ela cita como exemplo a falta de infra-estrutura adequada, para laçadores e animais. A amazona relatou ainda que se sentiu praticamente esquecida pela comissão organizadora e que as festas de Clubes do Laço deveriam ter qualidade ao invés de quantidade. Ela reclamou uma maior atenção direcionada aos competidores que são a parte principal da festa, pois sem os mesmo as laçadas não ocorreriam. Isto ainda é uma característica que prevalece nas festas. Canclini (1982, p. 125 ):

A festa se transforma primeiro em feira e depois em espetáculo. Um espetáculo interurbano, nacional e mesmo internacional, conforme o seu alcance turístico. Foi deixado para trás o tempo das festas comunitárias, chagaram os empresários que as converteram em festas para os outros. São separados os espectadores dos atores e é entregue a profissionais a organização dos divertimentos. Em vez dos encarregados ou administradores, um grupo de técnicos prepara o cenário, os alto-falantes, a iluminação, a colocação do espetáculo em cena.

Porém, alguns laçadores apóiam a evolução das festas, alegando que a maior quantidade de pessoas participantes possibilita lucro aos clubes sedes destas, uma vez que eles necessitam de verbas para a realização dos encontros, e nas quais exigem gastos como o do transporte do gado para as laçadas das fazendas até o local da festa. As opiniões dos participantes são diversas, expressadas por cada laçador que possui argumentos variados com respeito ao assunto. Em entrevista (2006), o presidente da Associação dos Criadores de Quarto de Milha (ACQM) referindo-se aos novos rumos que alguns clubes estão tomando afirmou que “atender todo mundo a gente não consegue, não consegue deixar todo mundo contente, mas a maioria gostou”.

A festa proporciona diversão, os participantes apreciam boas acomodações, facilidades e público abundante. Ela proporciona, igualmente, que alguns laçadores que vivem no meio rural se desloquem até à cidade nos dias em que ela se realiza. Alguns preferem a festa com muita gente e outros querem participar de algo mais restrito aos laçadores, as opiniões são diversas, mas os laçadores se harmonizam e respeitam a opinião uns dos outros.

Esse tipo de festa, com origem rural, mas que foi migrando para locais próximos às cidades reforça a idéia, defendida por Lefèbvre de que a cidade, dentre outras coisas, concentra os prazeres e se contrapõe ao isolamento e à dispersão do campo. Para o autor:

A cidade, por outro lado, concentra não só a população, mas os instrumentos de produção, o capital, as necessidades, os prazeres (LEFEBVRE, 1999, p. 49)

As modificações nas festas indicam alterações em algo que se torna maior a cada ano que passa e, por isso mesmo, distancia-se de alguns costumes. Essa análise pode ser feita a partir dos dados que demonstram o crescimento e as modificações visíveis a cada nova edição desses eventos. Nas festas do Rancho ACQM, nota-se diferenças de organização desde 2.000, quando um outro estudo: “As festas de clubes do laço como atrativo turístico em MS”, também de minha autoria, fora destinado a este tema, porém com foco direcionado à atividade turística.

A partir daquela data, ocorreram significativas modificações que vão, desde o número de visitantes crescente, até a construção de uma nova pista, com objetivo de comportar as disputas, devido ao elevado número de laçadores. Aconteceram, também, no mesmo período, diversas novidades nas próprias competições como a incorporação dos Três Tambores – modalidade originalmente norte-americana, além de calças jeans, músicas, etc, fazendo parte de uma dinâmica cultural, ou seja, incorporando de novos elementos culturais.

Refletindo o pensamento de Berman (1986, p. 26), pode-se caracterizar tais mudanças e inovações como reflexos da modernidade. Para o autor:

Essa ordem inexorável, capitalista, legalista e burocrática, determina a vida dos indivíduos que nasceram dentro desse mecanismo (...) com uma força irresistível. (...) determina o destino do homem (...).

Também os laçadores sentem necessidade de participar do processo evolutivo que vem ocorrendo no mundo. Eles não querem ficar à margem da evolução tecnológica que vem acontecendo, inclusive no ambiente rural, há vários anos, como cita Andrade (1979, p.10), ao referir-se ao processo de mecanização no campo: em nome de um aumento da produtividade e de uma diminuição do custo de produção, estimulou-se a mecanização agrícola.

Assim, o processo capitalista de crescimento da produção, estabelece novos paradigmas que requerem, para o aumento da produtividade, a utilização de mecanismos que, de certa forma, facilitem o desempenho das atividades rurais. Desta forma, retomando o pensamento de Berman a atividade produtiva capitalista insere o indivíduo na modernidade e altera, inclusive, o seu relacionamento com as atividades lúdicas, incorporadas, igualmente na nova ordem.

Nas festas do Rancho ACQM, verifica-se, nos últimos seis anos, um crescimento expressivo da participação do público visitante, ou seja, daquele que vem apenas assistir e não tem nenhuma relação com a competição ou com a sua origem.

Canclini (1982, p.50) afirma que:

A modernidade se associa à racionalização da sociedade, em seus diversos níveis, econômico, político e cultural. Ela revela um tipo de organização social “desencaixada”, privilegiando qualidades como, funcionalidade, mobilidade e racionalidade. Pensada desta forma, a sociedade é um conjunto desterritorializado de relações sociais articuladas entre si. Por isso os meios de comunicação desempenham um papel tão fundamental.

Foto 27: Público na Festa do Rancho ACQM



Fonte: Lilian (2.007)

Em 2006, no evento realizado nos dias 22, 23 e 24 de setembro o Rancho ACQM reuniu, aproximadamente, 20.000 visitantes. Observa-se, com esse quantitativo de pessoas, a grandiosidade em que se tornou a festa. Para a sua realização foram necessárias a participação direta de 30 pessoas e várias modificações na sua organização como: a divisão dos estacionamentos, sendo um destinado aos visitantes (com a cobrança de uma taxa de R\$ 5,00 para utilização) e outro gratuito, destinado especialmente aos laçadores.

Foto 28: Faixa informativa do estacionamento no Rancho ACQM



Fonte: Lilian (2.007)

Eric Hobsbawm (1995, p.25) observou que, na sociedade capitalista, os indivíduos são egocentros e a busca pela satisfação individual desintegra velhos laços sociais. Para o caso deste estudo pode-se completar afirmando que eles desintegram as antigas festas, transformando-as em possibilidades de lucros.

Essa sociedade, formada por um conjunto de indivíduos egocentros sem outra conexão entre si, em busca apenas da própria satisfação (o lucro, o prazer ou seja lá o que for), estava sempre implícita na teoria capitalista. Desde a Era da Revolução, observadores de todos os matizes ideológicos previram a conseqüente desintegração dos velhos laços sociais.

Foto 29: Estacionamento no dia da Festa do C.L. Rancho ACQM



Fonte: Lilian (2.007)

Verificou-se ainda a existência de catracas eletrônicas para controle de entrada dos visitantes. Desta forma, além da cobrança do estacionamento, a entrada no evento contribuiu com uma parcela da arrecadação da festa e do lucro do clube do laço. Amaral (1998, p.30)

De qualquer modo, a festa, para os autores brasileiros Goldwasser, Leopoldi, Da Matta, Magnani, Brandão, é sempre positiva, seletiva e edificante, mais que destruidora. Concluem que, contrariamente à idéia de destruição, que perpassa as teorias, a festa à brasileira tem caráter positivo, afirmativo. Isto pode ser percebido pela freqüência na utilização dos termos: enfatizar, expressar e destacar, que aparecem em todas as suas interpretações. Estes autores que vivem no "país das festas", lembram constantemente que gestos e palavras são apenas uma porta para penetrarmos o significado que se oculta por trás da festa ou qualquer outro ritual .

Foto 30: Bilheteria no dia da festa do Rancho ACQM



Fonte: Lilian (2.006)

Foto 31: Catracas Eletrônicas implantadas no dia da festa do Rancho ACQM



Fonte: Lilian (2.006)

Foto 32: Ingresso eletrônico da festa no Rancho ACQM



Fonte: Lilian (2.007)

Moretti, in, Banducci Júnior e Moretti (2001, p. 48), escreveu que:

Estas questões são frutos de transformações referentes ao movimento do modo de produção capitalista, com destaque para a evolução da técnica que promove profundas mudanças nas relações societárias.

Outras providências foram tomadas para atender ao grande número de visitantes. A construção de uma segunda e nova pista de laço, realizada por haver uma maior demanda que contou com cerca de 700 laçadores. Houve também um aumento no número da boiada para laçar, com uma média de 1.200 cabeças. Para a premiação, o clube oferece fivelas aos laçadores campeões, desde 2.004.

A tecnologia e as facilidades de informações instigam as pessoas a usufruírem destas facilidades, talvez sem perceber as possíveis alterações que ocorrem nos ambientes, na convivência, neste caso, nas festas. Muitas vezes, o objetivo dos organizadores é adquirir maior rapidez e agilidade nos serviços prestados ao público presente, oferecer uma melhor infra-estrutura. (Entrevista: Jorge, 2.006).

A tecnologia está presente nas propriedades rurais, facilitando o trabalho no campo e induzindo um novo padrão de vida e de consumo àqueles que nele vivem. Sobre isso,

Endrich, apud Sposito e Whitacker, 2.006, p. 28 indaga:

Ou será que as pessoas voltariam para o campo sem eletricidade e outros confortos, já incorporados como necessidades, com base em referenciais urbanos? O que impulsiona atividades consideradas como do novo rural? A demanda é basicamente urbana.

As festas de Clubes do Laço, assim denominadas pelos laçadores que iniciaram a prática da atividade, aconteceram inicialmente com o intuito de reunir os laçadores e as amazonas, juntamente com seus familiares e amigos, para confraternizarem entre si. Ao analisar o espírito das festas Savoldi escreveu:

A festa tem como objetivo fazer com que as gerações mais novas possam conhecer o passado e lutar para preservar o que estava se perdendo. SAVOLDI, apud (Barreto e Banducci Jr. 2.001, p. 58).

Essas festas são freqüentadas por pessoas, que não estão inseridas diretamente no contexto, ou seja, na cultura ou no cotidiano dos laçadores, amazonas e familiares, as festas passam a ser compreendidas com uma conotação diferente, a de espetáculo, porém, o retorno ao passado, às origens é vivido pelo espectador que procura por um espetáculo autêntico.

Ortiz (1.994, p. 41) enfatiza:

Na verdade, o peso da tradição (no sentido amplo da palavra: demográfico, econômico e cultural) suplanta qualquer outra dimensão; predominam a religião, as crenças mágicas, os valores rurais.

Foto 33: Público na festa do Rancho ACQM



Fonte: Lilian (2.006)

Para Prudente, apud Reis (2003, p.64). a característica de festa se esconde, dando espaço ao espetáculo:

A padronização imposta pelas características do capitalismo permeia as regiões e tendem a gerar um mesmo comportamento dos indivíduos, anulando suas identidades e peculiaridades e, portanto a identidade cultural, a identidade do lugar.

Ao estudar a Festa do Peão Boiadeiro de Barretos, Amaral (1998), analisa que a festa constitui-se um tipo de organização capaz de proporcionar um modo de enfrentar problemas sociais. Mas ela afirma que, ao tomar mais vulto, as festas mostram-se como atividades aglutinadoras de diferentes interesses que vão desde os religiosos até aos empresariais.

No mesmo estudo a autora afirma que, ao compararem os rodeios com as Cavalhadas os barretenses alegam que os rodeios tiveram maior repercussão junto à população em geral. Isso se deve, ainda segundo a autora, ao fato de que os rodeios provocam fortes emoções, tanto ao fazendeiro, quanto ao peão, enquanto as cavalhadas, por serem de origens medieval portuguesa, são consideradas de pouca relação com a história e os hábitos dos brasileiros.

Isso porque as pessoas viam nos rodeios alguma coisa que dizia muito de sua maneira de ser e de viver, identificando-se plenamente com a vigorosa luta entre o homem e o animal, prática cotidiana dos peões nas fazendas da região. (idem, p.30 )

A autora considera que, de fato, o princípio de uma festa está nos seus pregões e quanto mais imaginativos e festivos, mais provável de que a notícia da festa se espalhasse e circulasse no interior da comunidade, aumentando a sua participação. Assim, a folia e o rebuliço desses momentos indicavam o que se poderia aspirar. Para isso, continua a autora, vale tudo para conquistar a participação da comunidade: “muitas máscaras, figuras engraçadas, galantes, roupas preciosas eram utilizadas. Seduzir o público parecia ser o objetivo final. Amostras de maravilhas.” Tudo isto sem perder de vista o caráter coletivo das festas:

Como toda festa é um ato coletivo, ela supõe não só a presença de um grupo mas, também, sua participação, o que diferencia a festa do puro espetáculo. Por esta razão é que certos acontecimentos (como os festivais, os shows etc.) não podem ser considerados como festas *stricto sensu*. (1.998, 31)

Desta forma entende-se que o critério da participação é fundamental na definição das festas. Assim, a realização de uma festa indica a necessidade de

negociações entre os diferentes agentes sociais, das várias classes, gêneros etc., sempre com a finalidade de se obter maior adesão. Ainda para Amaral, uma festa com pouca participação ou poucas pessoas não seria considerada uma boa festa.

No entanto Amaral admite também que a análise conceitual da festa implica em muitos questionamentos de aspectos que ainda estão sem respostas e que mesmo as condições colocadas pela economia de mercado ainda não foram suficientes para a completa eliminação das manifestações festivas:

É necessário admitir, assim, que a festa é mais que seu momento, envolvendo dimensões complexas, e que a análise atual é apenas um aspecto de uma busca de sentido mais vasta: tenta-se explicar a festa, mas ela é uma questão colocada à nossa civilização há dois ou três séculos. Sem resposta. Interrogação tanto mais intrigante e surpreendente quando se pensa a festa em momentos em que a economia de mercado e o crescimento industrial criaram condições sociais que tenderiam a eliminar estas manifestações que caracterizariam as sociedades não dominadas pela produtividade e racionalidade ocidentais. (Idem, p.31)

Na festa do Rancho ACQM, realizada nos dias 17 e 18 de Março de 2007 foi aplicado um questionário para entender algumas características dos visitantes que, tem um número significativo de jovens. Com isso pretendeu-se obter informações sobre o que procuravam. Foram aplicados 84 questionários no sábado e domingo, numa tentativa de observar o perfil dos visitantes da festa.

A partir das respostas obtidas observou-se que:

Quanto ao sexo, os dados apresentados são praticamente medianos, sendo 48% do público feminino e 52% masculino.

Dois pontos importantes da observação são: o estado civil e a faixa etária. Os dados obtidos mostram o notório percentual de 91% de pessoas solteiras e 74% dos visitantes com idades entre 20 e 29 anos.

Os itens escolaridade e profissão, mostram que, os participantes na festa não são somente os peões das fazendas ou pecuaristas, mas, pessoas de diversas profissões e variados níveis de escolaridade. A grande maioria (45%) possui o ensino superior incompleto e 31% possuem o ensino superior completo. Quanto a profissão, foram encontradas na pesquisa as mais diferentes, são vendedores, advogados, professores, bancários, médicos, pecuaristas, autônomos, bombeiros, cabeleireiros, veterinários, além de outros profissionais e pessoas que se

diziam estarem desempregadas no momento da entrevista. Foi possível observar a participação de pessoas de diferentes ocupações tipicamente urbanas, que geralmente participam das festas no Rancho ACQM.

Uma curiosidade. Quando questionados sobre a cidade em que residem, várias pessoas responderam da seguinte maneira: “Daqui mesmo”. Mas esqueceram-se ou desconhecem que o clube do laço Rancho ACQM localiza-se no município de Jaraguari e não em Campo Grande, demonstrando que a referência para os visitantes é Campo Grande e que o limite político entre os municípios é um detalhe de menor importância ou de desconhecimento para a maioria. Realmente as pessoas que visitam a festa residem, na sua grande maioria, em Campo Grande. A pesquisa obteve 86% de respostas indicando a capital como local de moradia, mas também obteve respostas que indicavam os estados de Goiás, São Paulo e Paraná.

A questão motivação foi proposta na tentativa de identificar o que “atrai” as pessoas até a festa, qual o motivo aparente que faz com que elas se desloquem, quase sempre nos dois dias até o clube do laço Rancho A. C. Q. M. Também neste momento surge uma curiosidade, quando vários entrevistados respondem: “Vim festá!” Ou seja, participar somente, “curtir” a festa, obtendo 11% de resposta. Porém a resposta mais obtida foi simplesmente por lazer/diversão com 20% do total. Os mesmos 11% de resposta foi obtido em relação ao baile e a cerveja é motivação para 10% dos entrevistados. Interessante é que um número muito pequeno de visitantes tem como motivação o verdadeiro motivo da existência da festa, ou seja, apenas 7% vão para assistirem as provas de laço.

Por meio do questionário é possível constatar que a grande maioria das pessoas já estiveram em pelo menos mais 1 vez em festas anteriores e que um número bastante significativo de 30% já participou de até mais que 10 vezes. O número de visitantes que vão acompanhados pelos amigos é de 65%, geralmente em grupos com mais de quatro pessoas.

Quanto a divulgação do evento, percebe-se que o avanço da tecnologia realmente instalou-se nestas festas, quando vários entrevistados ficaram sabendo do evento por meio da internet, ou mesmo pessoalmente em bate papos com os amigos (38%), porém outra resposta que se destaca é a divulgação por meio de adesivos em carros nas ruas de Campo Grande (35%). Além destes meios de divulgação a Federação de Clubes do Laço de Mato Grosso do Sul também possui

um site com todas as informações e calendário de eventos e dos encontros de laço comprido no estado, informando sobre todos os clubes filiados, contribuindo com a divulgação das festas.

Foto 34: Vidro de carro, no estacionamento da festa, contendo adesivo

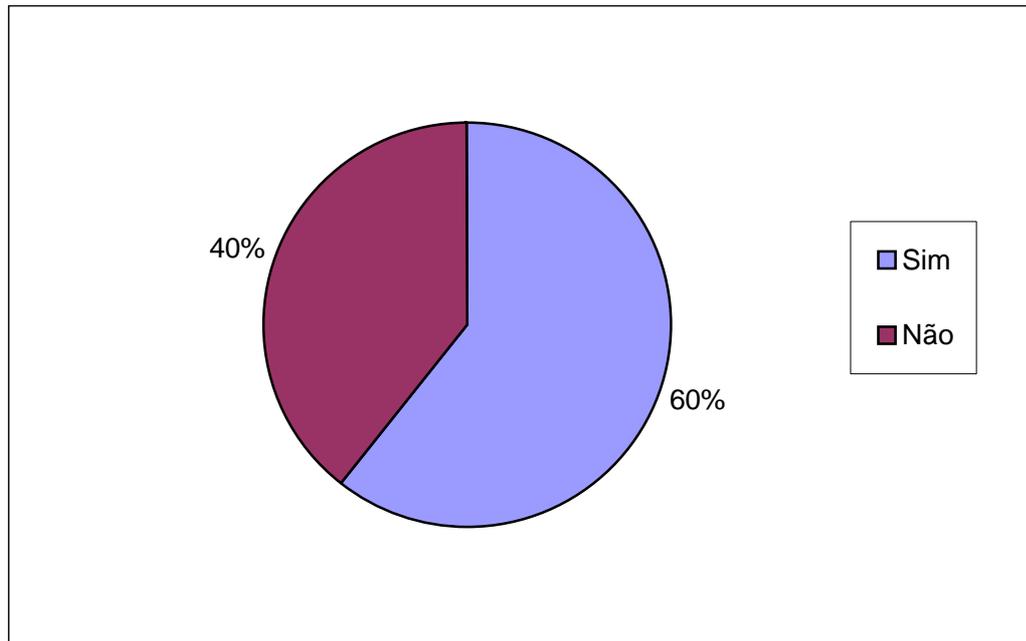


Fonte: Lilian (2.007)

Aqui apresento os gráficos N° 01, 02 e 03 – Público que assiste às provas de laço, porque assistem e porque não assistem (respectivamente):

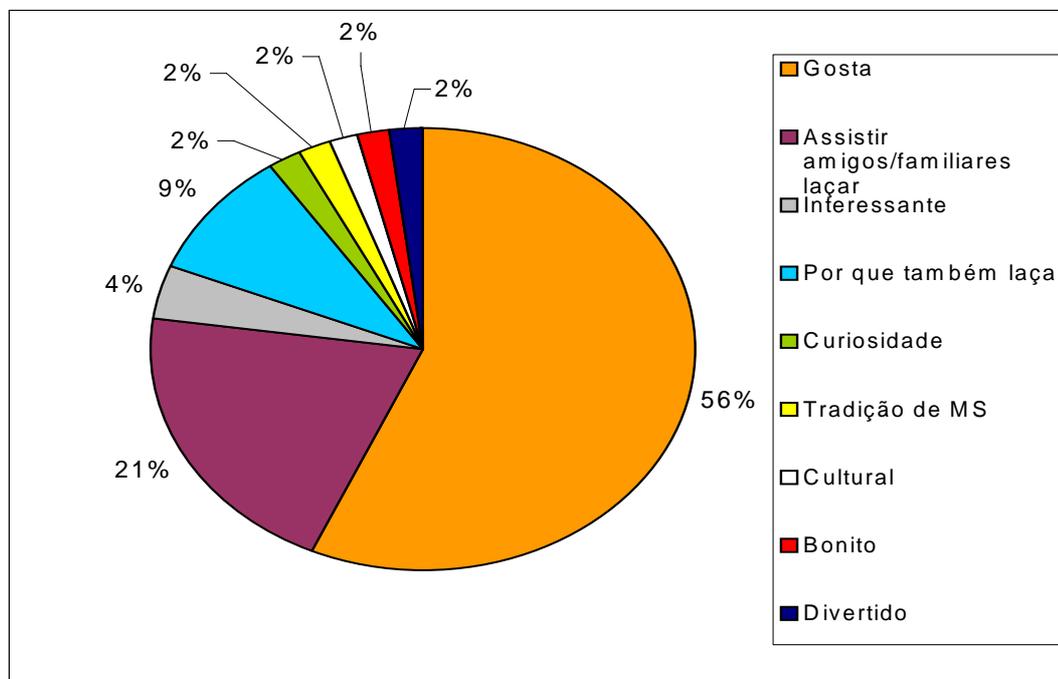
A intenção com esta questão é saber se o público presente na festa assiste ou não às laçadas durante o evento. A maioria diz assistir, principalmente porque gostam de apreciar as laçadas. Os que responderam que não assistem alegam, principalmente que: foram ao baile - esse é um forte atrativo da festa, foram apenas para tomar cerveja ou que simplesmente não gostam mesmo.

Gráfico 01: Percentual dos participantes que assistem as provas de laço



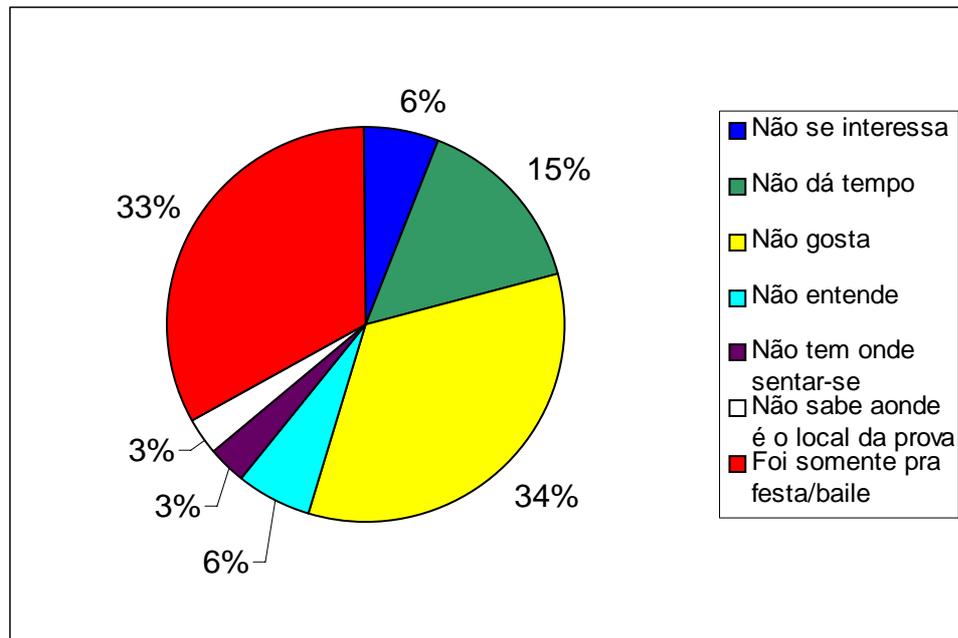
Fonte: Lilian (2.007)

Gráfico 02: Por que assistem



Fonte: Lilian (2.007)

Gráfico 03: Porque Não assistem



Fonte: Lilian (2.007)

Os dados levantados no questionário possibilitam analisar por que para a maioria das pessoas que participam da festa representam apenas a participação em mais um “evento” de lazer, não tendo para muitas nenhum significado cultural, ou representativo do seu cotidiano. Porém, mesmo sendo um evento como outro qualquer para estas pessoas, as festas de clubes do laço em Mato Grosso do Sul possuem relação com a cultura geral do estado onde o boi ou a pecuária tem uma forte influência.

Foto 35: Laço preso ao arreio do laçador



Fonte: Lilian (2.008)

Oliveira Neto, (2004, p. 20) afirma:

Ao longo do século XX o boi foi se tornando um importante elemento na definição de padrões de comportamento não só da elite como de toda a população campo-grandense, pois a propriedade de fazendas de gado passou a ser sinônimo de riqueza e de status, solidificando a quantidade de terras e o tamanho do rebanho(...). Desta forma, passou a ser comum o uso de botas e vestimentas típicas de fazendeiros.

Assim, percebemos a contribuição relevante das festas de clubes do laço ao entretenimento e valorização das questões familiares e tradicionais, que nos remetem a uma lembrança do passado, dos costumes e do modo de viver dos antepassados e que até hoje fazem parte da nossa história.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A realização deste trabalho implicou em demasiado esforço de observação e comunicação pois, como explicitado anteriormente, a bibliografia é escassa. Porém, desta forma, isso implicou também maior dedicação e entendimento do tema.

Observando as festas e utilizando referencial teórico, tanto da Geografia, quanto das ciências paralelas, foi possível observar e analisar a real transição do pensamento das pessoas envolvidas nesses tipos de eventos. Atualmente, as ações dos organizadores das festas caminham no sentido de diversificar e atualizar os encontros, de acordo com o “gosto do freguês”. Por esse motivo, a cada dia que passa, os organizadores visam mais o consumo e o lucro gerado pelas encontros.

Observou-se, ao longo da pesquisa, uma profunda modificação na estruturação das festas, especialmente no que diz respeito à infra-estrutura nos locais da sua realização, como é o caso do Rancho ACQM, que passou a servir como referência de sucesso para os demais clubes. Mas percebeu-se, igualmente, a conservação e permanência de procedimentos e regras das laçadas e regras de comportamento nos recintos das festas, constituindo-se numa das características que vigoram desde a sua origem. Nota-se, então, certo equilíbrio entre a busca por mudanças que adequem as festas a nova realidade e a tentativa de preservação de aspectos originais.

As relações sociais foram abordadas no trabalho chegando a uma idéia de que o rural e o urbano, nestes encontros, se misturam e se interagem. As pessoas da cidade apreciam a festa do campo e as pessoas do campo interagem e admiram os costumes da cidade e passa a adquiri-los também. Há uma troca de

informações, visto que foi observada a participação de laçadores que fazem parte do “mundo urbano”, como advogados, professores, estudantes, etc.

O aumento dos clubes de laço em várias regiões e a distância geográfica, propiciaram uma divisão do estado entre grupos para a realização das festas entre si, ou seja, para as disputas, sendo hoje assim diferenciados: Grupos A, B e C.

Alguns aspectos dentro dos encontros estão ainda sendo mantidos, especialmente os relacionados diretamente às laçadas e regras pertinentes. Características como o conservadorismo, até mesmo por parte das mulheres ainda é evidente. A preocupação em manter este costume apresenta-se por meio das crianças que já montam em cavalos e dão as primeiras tentativas nas laçadas e são sempre incentivados pelos pais. As crianças que ainda não possuem destreza suficiente para laçar realizam as primeiras tentativas em um tronco de madeira na forma de um pequeno bezerro, que serve de base à iniciação da maioria das crianças, que geralmente já nascem participando dos encontros com os pais.

A observação de modo geral apresenta um aspecto de transição de alguns costumes e utilização dos meios de comunicação de massa por parte dos clubes do laço, facilidades descobertas nas regiões urbanas que agilizam a mão de obra nas festas, além de atenderem ao grande número de pessoas que agora encontram-se inseridas nesse contexto.

## FONTES

### 1. ENTREVISTAS

Entrevista realizada em 2.000, com o Sr. João Ramos, laçador e na época Patrão do Clube do Laço Rancho ACQM.

Entrevista realizada em 2.000, com o Sr. Teófilo Loureiro, trançador de laço de couro e proprietário de fazenda no Pantanal do Nabileque, M.S. nas décadas de 1.940 – 1.970.

Entrevista realizada em 2.000, com o Sr. Jerônimo Basílio da Silva, trançador de laço e ex-proprietário de fazenda na região de Ribas do Rio Pardo, M.S. e peão de comitiva de gado.

Entrevista realizada em 2.000, com o Sr. João Monteiro Mascarenhas, laçador, pecuarista e membro da primeira equipe de laço comprido de M.S.

Entrevista realizada em 16.12.2007, com o Sr. José Atanásio Lemos Neto, laçador, pecuarista, advogado e assessor jurídico da Federação de Clubes do Laço de M.S.

Entrevista realizada em 2.000, com Sr. Luiz Carlos Burali, laçador, pecuarista e ex-presidente da Federação de Clubes do Laço.

Entrevista realizada em 2.000, com Sr. Virlian Hildebrand Lara, laçador, pecuarista e vice - presidente da Federação de Clubes do Laço em 2.000.

Entrevista realizada em 20.10.2006, com Roberta Mochi de Miranda, amazonas do Clube do Laço Sentinela do Pantanal.

Entrevista realizada em 12.12.2006, com Sr. Sebastião Homero Nagib Jorge, laçador e presidente da Associação dos Criadores de Quarto de Milha (ACQM).

Entrevista realizada em 13.12.2007, com a Professora Marlei Sigristi da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, trabalha nas áreas de cultura e arte, há 23 anos.

Entrevista realizada em 16.12.2007, com o Sr. José Atanásio Lemos Neto, laçador, pecuarista, advogado e assessor jurídico da Federação de Clubes do Laço de M.S.

Entrevista realizada em 21.12.2007, com o Sr. Othon Rodrigues Barbosa Sobrinho, laçador, pecuarista e presidente da Federação de Clubes do Laço de M.S.

## 2. BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

AMARAL, Rita de Cássia de Mello Peixoto. Festa à brasileira: sentidos do festejar no país que “não é sério”. Tese de doutorado. São Paulo: FFCH/USP, 1.998.

ANDRADE, Manuel Correia. Agricultura & capitalismo. São Paulo: Ciências Humanas, 1.979.

ANUÁRIO 35º Festival do Folclore. Ciência popular. Olímpia: Centralgraf, 1.999.

ANUÁRIO 37º Festival do Folclore. Folclore do Norte paulista. Olímpia: Centralgraf, 2.001.

AYALA, Marcos e AYALA, Maria Ignez Novais. Cultura popular no Brasil: Perspectiva de análise. São Paulo: Ática, 1.995.

BANDUCCI JR. Álvaro e BARRETTO, Margarita. Turismo e identidade local: Uma visão antropológica. Campinas SP: Papyrus, 2.001.

BANDUCCI JR. Álvaro e MORETTI, Edvaldo César (orgs.). Qual paraíso? Turismo e ambiente em Bonito e no Pantanal. São Paulo: Chronos, 2.001.

BERMAN, Marshall. Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade. São Paulo: Companhia das letras, 1.986.

BOSI, Alfredo (org.) Cultura brasileira. Temas e situações. 4. ed. São Paulo: Ática, 1.999.

CANCLINI, Nestor García. As culturas populares no capitalismo. México: Editorial Nueva Imagem, 1.982. Tradução: Cláudio Novaes Pinto Coelho. São Paulo: Brasiliense.

DA MATTA, Roberto. A casa e a rua. São Paulo: Brasiliense, 1985.

DA MATTA, Roberto. Carnavais, malandros e heróis - Para uma sociologia do dilema brasileiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

ESTATUTO Federação de Clubes do Laço de MS

FEATHERSTONE, Mike. O desmanche da cultura: globalização, pós-modernismo e identidade. Tradução Carlos Eugênio Marcondes de Moura. São Paulo: Studio Nobel: SESC, 1.997.

FIGUEIREDO, Aline. A propósito do boi. Cuiabá: UFMT, 1.994.

GARDIN, Cleonice. Campo Grande: entre o sagrado e o profano. Campo Grande: UFMS, 1.999.

HOBBSAWM, Eric. Era dos extremos: o breve século XX:1.914-1.991. Trad. Marcos Santarrita. São Paulo: Companhia das letras, 1.995.

LEFEBRE, Henri. A cidade do capital. Rio de Janeiro: DPA, 1.999.

LEITE, Eudes Fernando. Marchas na história: comitivas e peões-boiadeiros no Pantanal. Campo Grande, MS: UFMS, 2.003.

LÉVI-STRAUSS, Claude. Antropologia estrutural dois. 4. ed. Rio de Janeiro: Tempo brasileiro, 1.993.

LÉVI-STRAUSS, Claude. O pensamento selvagem. São Paulo: Nacional, 1976.

LIMA, Rossini Tavares de. Geografia do folguedo popular. Rio de Janeiro: MEC, 1971.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. Festa no pedaço: cultura popular e lazer na cidade. 2. ed. São Paulo: Hucitec, 1.998.

MARTINS, Gilson Rodolfo. Breve painel etno-histórico de Mato Grosso do Sul. 2 ed. Campo Grande, MS: UFMS, 2.002.

MELO, José Marques de. Regionalização midiática: estudos sobre comunicação e desenvolvimento regional. Rio de Janeiro: Sotese, 2.006.

MENDONÇA, Melissa Aparecida e PAIVA, Lilian da Silva. Monografia: As festas de clubes do laço como atrativo turístico. Campo Grande MS: UCDB, 2.000.

NOGUEIRA, Albana Xavier. O que é Pantanal. São Paulo: Brasiliense, 1.990.

OLIVEIRA Neto, Antônio Firmino de. A rua e a cidade: Campo Grande e a 14 de Julho. Campo Grande MS: UFMS, 2.005.

OLIVEIRA Neto, Antônio Firmino de. ARCA Revista de divulgação do arquivo histórico de Campo Grande MS. Nº 10, 2.004.

ORTIZ, Renato. Cultura brasileira e identidade nacional. 5.ed. São Paulo: Brasiliense, 1.994.

ORTIZ, Renato. Mundialização e cultura. São Paulo: Brasiliense, 2.000.

PORTUGUEZ, Anderson Pereira. Consumo e espaço – turismo, lazer e outros temas. São Paulo: Roca, 2.001.

PROENÇA, Augusto César. Pantanal: gente, tradição e história. 3ª ed. Campo Grande MS: UFMS, 1.997.

REIS, Fábio José Garcia (org.). Turismo uma perspectiva regional. Taubaté SP: Cabral Editora, 2.003.

SANTOS, José Luiz dos. O que é cultura. São Paulo: Brasiliense, 2.003.

SANTOS, Milton (org.). Território e territórios. Programa de pós Graduação em Geografia. Niterói: UFF/AGB, 2.002.

SCHWEITZER, Albert. Decadência e regeneração da cultura. (Filosofia da Cultura). Trad. Pedro de Almeida Moura. São Paulo: Melhoramentos,

URRY, John. O olhar do turista, lazer e viagens nas sociedades contemporâneas. São Paulo: SESC, 2.001.

WHITACKER, Arthur Magon e SPOSITO, Maria encarnação Beltrão. Cidade e campo: relações e contradições entre urbano e rural. São Paulo: Expressão Popular, 2.006.

### 3. SITES CONSULTADOS

[www.abqm.com.br](http://www.abqm.com.br) Data: 26/06/07, 05/01/08

[www.acqm.com.br](http://www.acqm.com.br) Data: 02/011/06, 17/03/07, 04/01/08

[www.federaçãodelaço.com.br](http://www.federaçãodelaço.com.br) Data: 20/03/06, 14/07/07,10/01/08

[www.fotosearch.com.br](http://www.fotosearch.com.br) Data: 15/01/08

[www.olaçador.com.br](http://www.olaçador.com.br) Data: 15/02/06, 20/05/07,10/01/08

[www.opantaneiro.com.br](http://www.opantaneiro.com.br) Data: 25/05/07, 03/01/08

## **GLOSSÁRIO (EM ORDEM ALFABÉTICA)**

**Abre-boi:** Espécie de obstáculo colocado a 80 metros da saída do boi, na beira da cerca, para que ele desvie e corra no centro da pista, facilitando a laçada.

**Aferição:** Medição, processo utilizado para medir, marcar e verificar os laços.

**Armada:** Volta do laço, na maioria das vezes medindo 8 metros.

**Armada positiva:** Laçada correta, somente nos chifres ou orelhas do boi.

**Armada negativa:** Laçada incorreta, no pescoço, ou fora da cabeça.

**Bolear:** Girar, rodar o laço dando-lhe forma para laçar.

**Braças:** Antiga maneira de medir, utilizando, às vezes o próprio braço.

**Brete:** Local onde o boi é posicionado para saída no início das laçadas e onde o boi entra no final das laçadas.

**Carapé:** Baile pequeno, simples.

**Cerrar:** Fechar a armada, concluir a laçada.

**Patrão:** Representante de cada clube do laço, espécie de presidente.

**Rodilhas:** Voltas menores feitas no laço, junto da armada.

**Taças (de ouro, prata, bronze):** Troféus entregue aos vencedores em cada festa.

**Tentos:** Tiras extraídas do couro para trançar o laço.

**Traia de arreo:** Espécie de sela e apetrechos do cavalo utilizada para montaria.